

Pontifícia Universidade Católica de Goiás

DO LÚDICO E DA ARTE PARA O CENTRO

Lisa Schmaltz - 12/2020



UM CONVITE A PERMANÊNCIA NOS ESPAÇOS PÚBLICOS



Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Escola de Artes e Arquitetura Edgar Graeff
Curso de Arquitetura e Urbanismo

DO LÚDICO E DA ARTE PARA O CENTRO

UM CONVITE À PERMANÊNCIA NOS ESPAÇOS PÚBLICOS

Lisa Schmalz

Orientadora: Isabela Ferrante

12/2020

RESUMO

Esse trabalho tem como principal objetivo viabilizar a Vitalidade Urbana no Setor Central de Goiânia. Com propostas de intervenções em espaços e áreas dentro do recorte do setor, sob o ponto de vista lúdico e artístico. É um convite para a utilização, permanência e apropriação dos espaços públicos no Centro de Goiânia.

PALAVRAS - CHAVE

Goiânia; Setor Central; Espaços Públicos; Intervenção Urbana; Vitalidade Urbana; Lúdico; Arte;

Em qual lugar eu posso andar com tranquilidade para caminhar? Qual lugar eu posso identificar a memória histórica da cidade? Em qual lugar posso interagir com as pessoas? Em qual lugar posso pagar as contas, comprar um calçado, tomar um café com alguém, sentar ao som dos pássaros debaixo de uma sombra derivada de uma árvore? Em qual lugar posso ter essa diversidade? Observar o movimento, e quem sabe trocar ideia com gente nova e diferente? Em qual lugar posso ver a arte espalhada e poder interagir com ela? Onde podem brincar as crianças? Onde podem os jovens se encontrarem? Onde podem os idosos interagirem? Onde podem os adultos encontrarem paz no caos? Onde está esse lugar? Procura se.



SUMÁRIO

1. TEMATIZANDO

- . TEMÁTICA
- . TEMA

3. “METODOLOGIANDO”

- . METODOLOGIA DO TRABALHO

5. LOCALIZANDO

- . BREVE PASSAGEM PELO CENTRO DE GOIÂNIA
- . PROJETOS NA LINHA DO TEMPO
- . A REALIDADE DO CENTRO

7. PLANEJANDO

- . DIRETRIZES GERAIS
- . DIRETRIZES ESPECÍFICAS

9. FINALIZANDO

- . CONCLUSÃO
- . REFERÊNCIAS

2. TEORIZANDO

- . JANE JACOBS
- . JAN GEHL
- . OS VAZIOS URBANOS

4. REFERENCIANDO

- . CONCEITOS DE REFERÊNCIA
- . PASEO BANDERA
- . GREENACRE PARK
- . HANG OUT

6. DIAGNOSTICANDO

- . A ESCALA DO AVIÃO
- . A ESCALA DO HELICÓPTERO
- . A ESCALA DO PEDESTRE

8. PROJETANDO

- . O BECO DA CODORNA
- . A RUA DO LAZER
- . AS VIELAS AV. GOIÁS
- . PARQUE LÚDICO LYCEU
- . O POCKET CONTAINER
- . O PARKLET DA LEITURA

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Deus, sem a sua Graça, Bondade e Amor nada teria sentido e propósito. Agradeço à minha família e amigos por todo apoio. Agradeço à minha orientadora por sua disposição, apoio e por me orientar com maestria.

1. TEMATIZANDO



TEMÁTICA

A temática do trabalho está inserida na Intervenção Urbana.

pág. 1

TEMA

Promover a vitalidade urbana, com a proposição do caminhar, do permanecer e do pertencer do pedestre ao Centro de Goiânia, através de intervenções urbanas, paisagísticas, artísticas e lúdicas

DO LÚDICO E DA ARTE

O primeiro pensamento

Trabalhar com o lúdico e com a arte. A arte trabalha de uma forma surpreendente na vida do ser humano. É a expressão daquilo que se é, que se sente, que se move, que se identifica, que desanuvia, que está inserida de tantas formas na vida, na própria natureza, nas cidades, nos muros e becos, nas ruas e calçadas, nos espaços vazios e edificados, públicos ou privados. Ela está em tantos lugares de tantas formas diferentes. O lúdico é a forma de tornar a vida cotidiana mais leve, divertida, descontraída. Parece ser a forma de encontrar tempo onde não existe, de encontrar cor onde tudo é cinza. Parece que é possível voltar a ser criança, mesmo que por um curto espaço de tempo. Parece ser a forma adequada de retornar à essência daquilo que se chamava brincadeira de rua.

Segundo pensamento

Intervenção na cidade. Intervenção que proporciona vitalidade urbana, segurança, sustentabilidade. Intervenção que pensa as pessoas dentro da cidade, que pensa a relação dos dois, que entende uma escala que anda na rua.

Terceiro pensamento

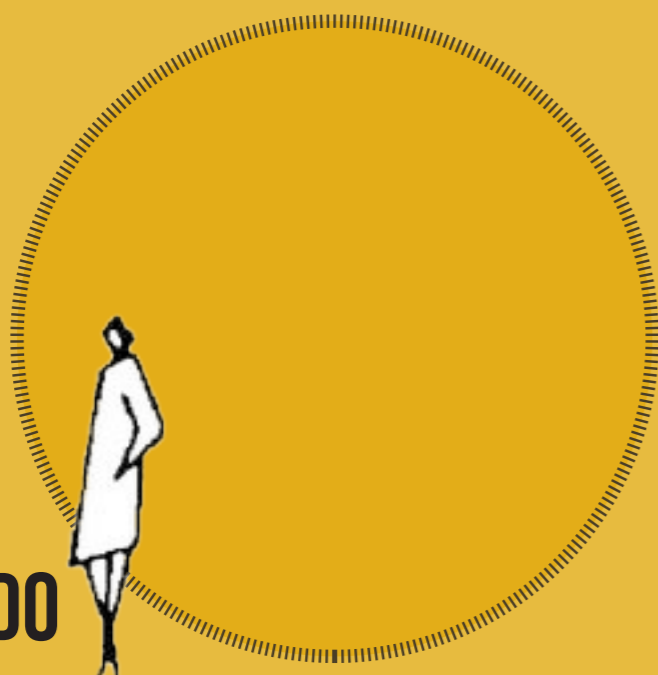
A junção dos outros dois pensamentos. A arte, o lúdico e a intervenção urbana. Intervenções lúdicas e artísticas dentro dos espaços da cidade. O enfoque desse terceiro pensamento é a cidade, a arte, o lúdico, as pessoas. Uní-los, interagi-los e entende-los.

pág. 2

PARA O CENTRO?

O Setor Central de Goiânia carrega em si a vocação de receber as intervenções lúdicas e artísticas em seus espaços. É um acervo à céu aberto da história, cultura e arte de Goiânia. Os seus edifícios, vielas, becos e ruas carregam o seu legado. O Centro agrega diferentes estilos, pessoas, movimentos, comércios, serviços. É o encontro de vidas cotidianas e turísticas. O Centro pode ser o lugar de pagar as contas, ou de trabalhar, mas, também pode ser o lugar da caminhada matinal dos idosos, ou a compra nas lojinhas de aviamentos da Rua 3. Pode ser o caminho da escola, ou o passeio ao museu. O Centro há de ser singular e único, com uma pluralidade excêntrica. Ao mesmo tempo que a realidade em que se encontra, revela um Centro que precisa de um olhar cuidadoso. Porque com apenas uma visita, é possível ver o descuido com os edifícios históricos, sentir medo ao caminhar durante à noite, ou durante o dia quando está vazio, sentir desconforto por não ter sombra o suficiente para uma boa caminhada, ver que existem vazios que poderiam ser úteis para uma maior interação com o Centro. Então, as intervenções, são um convite para que as pessoas possam utilizar os espaços públicos de forma que proporcionem vivências e experiências benéficas, saudáveis, alegres e seguras, artísticas e lúdicas. De forma que essas vivências e experiências possam ativar a vitalidade urbana, coperando para um Centro com mais interação, valorização, apropriação, utilização por parte das pessoas.





JAN GEHL

O livro “Cidades Para Pessoas” de Jan Gehl traz uma nova ótica para enxergar a relação da cidade com as pessoas. Aqui destaca-se, sobretudo, seu pensamento sobre as diferentes escalas da cidade. Para Gehl existem três escalas, todas importantes, e uma não deveria se sobressair à outra. A grande escala, é uma cidade vista por cima, reconhecida também como a “escala do avião”, impossível de observar detalhes da vida urbana, mas, capaz de analisar e enxergar a cidade como um todo. A escala média, já é mais ampliada, comparada a perspectiva de um helicóptero, e é capaz de observar as camadas de bairro, e as relações de espaços públicos e edifícios. E a Escala pequena, chamada também de escala do pedestre, é aquela que é possível de detectar e observar detalhes e fatores que só consegue captar ao caminhar, ao nível dos olhos (2009 p 195). Essa questão de tratar e trabalhar em conjunto as três escalas, é interessante para refletir enquanto urbanistas. Assim como Jacobs, anos

OS PENSAMENTOS INAPIRADORES DE

antes, o pensamento de Gehl contrasta com o pensamento modernista, que olha primeiramente para o edifício, antes do todo. Segundo Gehl, o método modernista propunha pensar primeiro no contorno da cidade, depois no edifício e só depois de já ter formulado esses dois últimos, pensar nos espaços que “sobram” entre eles. Esse tipo de cronologia das prioridades das escalas está diretamente conectado com os interesses financeiros.

Dessa forma, esse tipo de processo no planejamento urbano, acaba não funcionando. Para realmente pensar nesses espaços públicos convidativos para as pessoas é necessário que o planejamento seja feito em conjunto com as três escalas. Dentre as três escalas, Gehl destaca a pequena escala, ou a do pedestre, que está ao nível dos olhos e que vivência a cidade. A única abordagem bem sucedida para o projeto de grandes cidades para as pessoas segundo Gehl, é que devemos considerar a vida e o espaço da cidade como ponto de partida. É o aspecto mais

mais importante - e o mais difícil - e não pode ser deixado para mais tarde no processo. Se é fato que deve haver uma sequência, esta começa ao nível dos olhos e termina em uma vista aérea.

Gehl propõe uma nova e interessante forma de planejar a cidade, invertendo os processos, começando de dentro e de baixo. Trabalhar com a escala humana primeiramente é um processo difícil de entender, pois inverte toda a prática que normalmente é apreendida quando pensamos na tradição do urbanismo e do planejamento, sobretudo o moderno. Assim, tudo que for construído irá servir à escala humana, como fomentador da vitalidade urbana.

Diferente do verbo andar. Caminhar vai além, atribui outras funções enquanto anda. Como uma parada para olhar a vitrine da loja, ou para contemplar uma arte no meio da rua, sentar no banco para observar o tempo ou ler o jornal, conversar com um conhecido na calçada, e infinitas atividades.

“Mas nas cidades, há muito mais em caminhar do que simplesmente andar! Há um contato direto entre as pessoas e a comunidade do entorno, o ar fresco, o estar ao ar livre, os prazeres gratuitos da vida, experiências e informação. Em essência caminhar é uma forma especial de comunhão entre pessoas que compartilham o espaço público como uma plataforma e estrutura.”

(GEHL, 2009)

Por falar em atividades realizadas em um espaço público, essas são o resultado da relação do espaço público e pessoas que de alguma forma se conectam à ele. Essa reflexão se faz muito importante para entender a vitalidade urbana ou a sua falta.

Sobre as atividades normalmente realizadas em um local público por todos os usuários podem ser classificadas segundo sua natureza (está também é identificadora dos grupos ou tipos de usuários) GEHL (2009 p.20), distingue três tipos de atividades: as obrigatórias, as opcionais e as sociais. As obrigatórias são realizadas sob qual

quer condição, não importa se o local oferece qualidades e atratividades para quem irá usufruir dele, faça chuva ou sol, as pessoas realizarão essas atividades como por exemplo trabalho ou a escola. Já a qualidade física, o clima, o bem estar e as atratividades são essenciais para que as atividades opcionais sejam realizadas, por essas estarem conectadas ao lazer, esporte e descanso precisam de encontrar nesse lugar condições favoráveis para que possam ser realizadas. As sociais têm o mesmo viés de essencialidade das condições favoráveis que as opcionais, essas envolvem ações diretas como marcar encontros, e ações indiretas, como conhecer pessoas sem que haja uma programação, ou seja, um encontro espontâneo (2009 p.20 e 21).

A visão de Gehl para as cidades, é uma visão contra o fluxo do pensamento moderno que permeia no planejamento urbano atualmente. Essa visão enxerga as pessoas interagindo com a cidade, em cada aspecto dela. É interessante como Gehl ressalta

essa prioridade no seu conceito.

Esse pensamento auxilia no trabalho, que busca a vitalidade urbana. E, só se faz possível chegar à isso, se a preocupação enquanto urbanista estiver ligada à atender prioritariamente as pessoas, que conseqüentemente geram vida nos espaços da cidade.

As cidades pensadas para aqueles que moram nela, serve naturalmente as pessoas. Seus espaços públicos são cheios de atividades opcionais ou não obrigatórias. Ou seja, os espaços da cidade são pertencidos, vivenciados, apropriados por pessoas que podem ser moradores da região, trabalhadores, estudantes, visitantes e turistas.

O pensamento modernista condenou um pensamento monumentalista, na grande escala. E que a vida foi sendo vista cada vez mais do “alto”, longe demais para enxergar as particularidades, os detalhes, o movimento e o funcionamento da vida. Gehl então, faz um convite e ensina a olhar e projetar cidades que se preocupam com a escala do pedestre e toda a sua percepção.

OS PENSAMENTOS INAPIRADORES DE

Para discutir a vida “ nos espaços públicos, é necessário recorrer ao pioneirismo de Jane Jacobs com o seu livro “Morte e Vida de Grandes Cidades” (2000). Esse livro, auxilia na definição da essência e dos princípios que fundamentam a escolha do lugar, o diagnóstico a ser realizado e as diretrizes e projetos urbano -paisagístico futuros. Jacobs discute esse viés em um contexto de pós modernismo que até os dias de hoje apresenta consequência na dinâmica das cidades.

As ruas e suas calçadas, principais locais públicos de uma cidade, são seus órgãos mais vitais. Ao pensar numa cidade, o que lhe vem à cabeça? Suas ruas. Se as ruas de uma cidade parecerem interessantes, a cidade parecerá interessante se elas parecerem monótonas, a cidade parecerá monótona. (JACOBS, 1961)

À luz da reflexão de Jane Jacobs, também podemos olhar para a cidade de Goiânia. Com o passar do tempo, as ruas foram

sendo ocupadas cada vez mais por veículos, e as pessoas ficaram mais adeptas por essa forma de circulação, na lógica, tem como consequência menos pessoas para ocupar as ruas e calçadas.

Aqui também se aplicaram princípios ordenadores dos espaços, segundo o planejamento moderno, tão criticado por Jacobs - a rua tornou - se um lugar quase que exclusivamente de passagem e não mais a permanência. Na cidade moderna e depois contemporânea, privilegiam se os fluxos rápidos. O desinteresse por caminhar não pode ser atribuído a uma culpa dos pedestres. Existem muitos fatores que implicaram e continuam a implicar nessa questão: a falta de segurança dos espaços públicos, a falta de diversidade nos usos a falta de conforto para caminhar, como, sombreamento, calçadas pavimentadas e com manutenções devidas. Somam se ainda, a falta de acessibilidade a falta de iluminação adequada.

Outro fator evidenciado na dinâmica urbana do centro, típica, sobretudo dos anos de 1970

1980 são processos também descritos por Jacobs que podemos chamar de criação de novas centralidades nas cidades. A migração da população residente do Centro para outros setores, são a consequência de uma expansão urbana desenfreada e da especulação imobiliária. Novos polos de atração surgem, em Goiânia novos bairros crescem em alta velocidade, sobretudo ao redor de novos parques ou nos limites do município, em suas regiões mais nobres. Assim o centro, local do encontro público por excelência é fragmentado, substituído por parques, mas em especial por espaços públicos/privados na maioria fechados de lazer e convivência, como os shoppings centers entre outros.

A cidade passa a se encontrar assim em um círculo vicioso a transformação do centro, seu paulatino abandono pelas pessoas, abandono que por sua vez acelera o descaso com o espaço público, e evidenciam se as falhas e deficiências dos espaços públicos, especificamente ruas

e calçadas, se tornam pouco ou nada convidativas afastando ainda mais o usuários. Mas sem pessoas não há espaços ocupados, muito menos apropriados, dessa forma, a vitalidade urbana fica comprometida. Além disso, para se sentirem convidadas a caminhar, contemplar, olhar, conversar, ocupar, etc a segurança é uma questão essencial para garantir tranquilidade e atratividade nas ruas e calçadas.

As ruas precisam de olhos, e esse será um dos argumentos principais de Jacobs. Olhos que estão atentos ao que acontece na rua, junto ao seu movimento existem os espectadores e isso deve ser espontâneo, não se deve forçar ninguém a usar um espaço público, quanto menos forçá las a vigiar (JACOBS, 1961).

Jacobs então, convida o leitor, assim com Jan Gehl, a fazer uma leitura diferente e crítica das cidades. Espaços da cidade sem pessoas, sem a permanência delas, se equivale a um espaço sem vida. Perigoso, inseguro, desvalorizado, e, sem identidade.

O vazio pelo qual se referir, não se trata diretamente do conceito tradicional de vazio urbano que geralmente é o primeiro a ser lembrado, como, lotes vazios e abandonados, tanto públicos como privados. Que são também, muito importantes em quanto receptores de intervenções urbanas e também serão abordados nesse trabalho. Existem então, os “vazios das fronteiras”, são aqueles que não chamam muito a atenção, por não serem quantificáveis, mas, ao mesmo tempo não são qualificadores da vida urbana, em que a atividade humana não está presente ou em que a mesma não usa esse espaço (FELIPPE, 2013). Com isso, há de existir uma procura desse espaço, que Sarah Felipe introduz como uma categoria, os vazios encontrados, em que esse não é evidente, onde as possibilidades de resignificação do espaço são variadas. Como um exemplo dado por ela: As ruas que viram palco.

Que interessante a arte poder ser uma dessas possibilidades, para finalmente convergir aos

vazios encontrados, às nuances de interstícios. Ao imaginar o que a arte e o lúdico com toda a sua capacidade de interação com as pessoas e com o ambiente à sua volta, com a capacidade de abstrair as pessoas de suas rotinas diárias e repetitivas. Pode se imaginar a arte como promotora de um convite para a atividade humana e assim, como qualificadora urbana de vazios encontrados. Esses vazios, que são muito mal ou nada utilizados. Vazios que só podem ser encontrados ao caminhar pelas ruas, por estarem nos entres, e não ser visto especificamente como um lugar. Impossíveis de enxergar em uma vista aérea. Na verdade, são aqueles que são encontrados, quando as pessoas se permitem serem pedestres. São, promotores da vida urbana. Podem ser pequenos, mas são significantes, e vários deles, podem reverberar vitalidade para uma cidade.

Os vazios de uma forma geral têm um enfoque nesse trabalho. O olhar voltado para eles, consegue enxergar futuros espaços públicos.



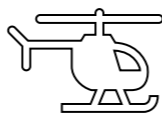
METODOLOGIA DO TRABALHO

A metodologia do trabalho parte das três escalas de análise para a proposição de intervenção na menor escala.

Então, a primeira escala de análise é a maior escala, chamada por Gehl, de escala do avião. Essa é a escala do planejamento das cidades. Como se os planejadores olhassem para a cidade de um avião. É possível analisar nessa escala os bairros e setores, funções e o tráfego. Uma análise mais holística e vista à distância.

A média escala, ou, a escala do helicóptero, aproxima mais o olhar para uma partícula da cidade ou do bairro. A partir dessa escala que se olha-se para a cidade de Goiânia e define-se o Centro como o lugar de desenvolvimento do trabalho. É a escala do planejamento de uma perspectiva de baixa altura. Nessa escala, é possível entender as relações dos espaços livres, dos edificados. Assim como, a distinção dos edifícios e espaços públicos. Foi a partir dessa escala que foram encontrados os pontos de interesse (os pontos culturais/históricos/artísticos) do Centro, que resultou no recorte da área de intervenção, ainda na escala do avião. E dentro da média escala, foram encontrados vazios urbanos (lotes subutilizados e vazios intersticiais) para que na escala pequena sejam realizadas as intervenções.

A escala pequena é a escala do pedestre, na qual a cidade é vista ao nível dos olhos. Detalhes da vida humana e urbana são observados e analisados. Essa escala, foi escolhida para representar as intervenções projetuais e urbanas do trabalho, através dos vazios urbanos encontrados na média escala e de acordo com a vocação de cada lugar. Essa pequena escala é possível entender a qualidade do espaço público na vivência do lúdico e do artístico.



CONCEITOS DE

ESPAÇO LIVRE DE USO PÚBLICO

Os espaços livres, são espaços livres de edificação, que podem ser o jardim ou área permeável de uma casa ou edifício. Os espaços livres de uso público são aqueles livres de edificações porém públicos, como, as ruas, as calçadas, o pocket park, a woonerf (rua compartilhada), os lotes públicos.

UBANISMO TÁTICO

É um modelo de intervenção na cidade, que busca uma resolução prática e rápida aos problemas do espaço público. Esse modelo surge da insatisfação de uma cidade planejada de cima para baixo, no qual pouco ou nada considera a opinião, as necessidades ou até mesmo os desejos da população. Promove intervenções pontuais, que dão direito a cidade. Essas transformações dos espaços públicos da cidade, torna esse lugar afetivo e acolhedor. E dessa forma, promove a permanência e conseqüentemente a vitalidade urbana.

ACUPUNTURA URBANA

Jaime Lerner define acupuntura urbana como um conjunto de ações pontuais e revitalizadoras que podem mudar progressivamente a vida na cidade. Não é a única solução e sozinha não é capaz de resolver todos os problemas da cidade. Mas, através de intervenções já realizadas trazem junto com elas, a melhoria da qualidade dos espaços públicos, das pessoas e da cidade.



POCKET PARK

É um modelo de espaço público, segundo Hannes, pequenos oásis urbanos, configurados em áreas de lazer, miniparques. São de alcance da escala pequena e local. Nesse espaço, é intencional os verbos sentar, apoiar, descansar. Então geralmente o pocket park oferece mobiliários se adaptam à essa intencionalidade.

PARKLET

Os parkelets são mini praças que ocupam o lugar de uma ou duas vagas de estacionamento em vias públicas, paralelos à calçadas. Dentro dos parkelets podem existir cadeiras, mesas, bancos, palcos, paraciclos, floreiras, lixeiras, ou seja, um mobiliário que permite a permanência dos pedestres e promove a interação social. Pode ser um lugar para encontrar alguém, ou para sentar e descansar de uma longa caminhada, ler um livro.

PERMEABILIDADE DE QUADRA

Permeável, quer dizer aquilo que pode ser atravessado. Um conceito que faz da quadra um lugar de passagem, e não apenas as ruas e calçadas. Quebra com a visão de quadra fechada, como um bloco que precisa ser contornado. Permite então, a conexão de um lado ao outro. Maior movimento, e conseqüentemente segurança. A quadra fechada pode garantir maior segurança para quem está do lado de dentro. Mas, a quadra permeável torna a rua, a calçada e a cidade mais segura.

OS ESTUDOS DE CASO

PASEO BANDERA

R. CAMPAÑA DE JESUS - SANTIAGO, CHILE

STUDIO VICTORIA - DATA: 2017

USO DAS CORES

PERMANECER

CAMINHAR



URBANISMO TÁTICO

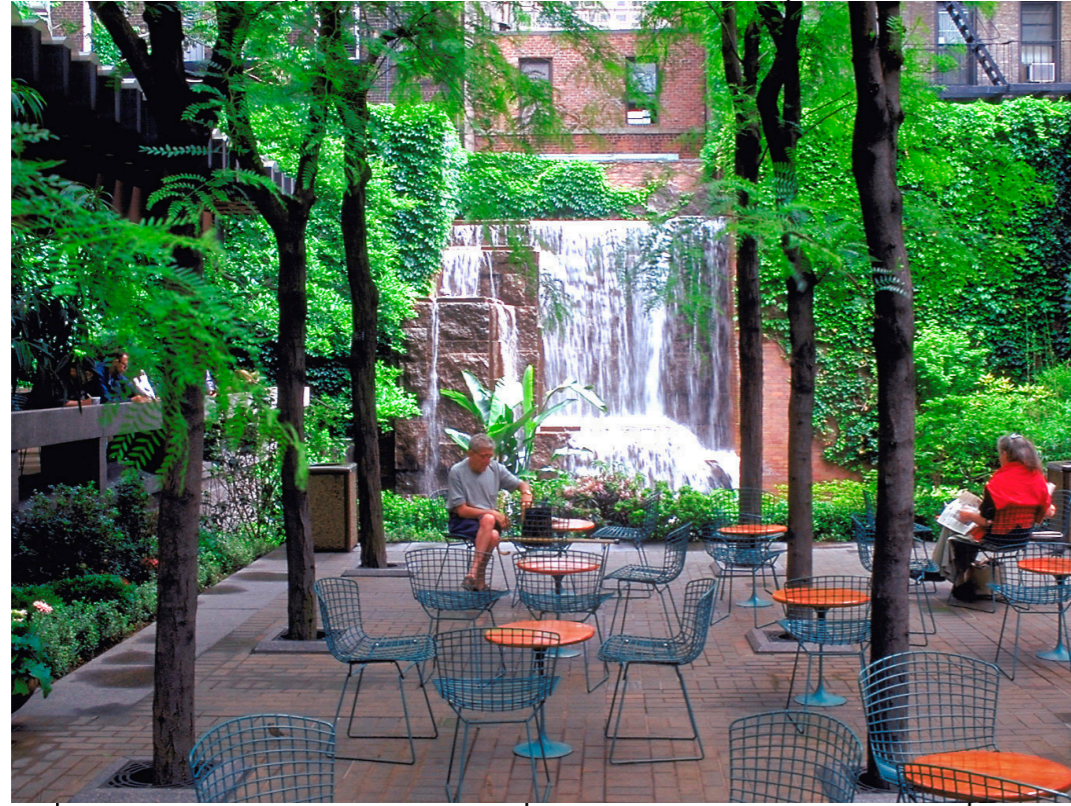
PAGINAÇÃO LÚDICA

MOBILIÁRIO URBANO

GREENACRE PARK

EAST 51 ST MANHATTAN - NOVA YORK, EUA

HIDEO SASAKI - DATA: 1971



DESCANSO ENTRE EDIFÍCIOS

PERMANECER

CONTATO COM A NATUREZA

CONCEITO POCKET PARK

ISOLAMENTO ACÚSTICO

Fonte: Sasaki.com
Autor: Desconhecido

HANG OUT

SHANGAI, CHINA

100 ARCHITECTS - DATA: 2017



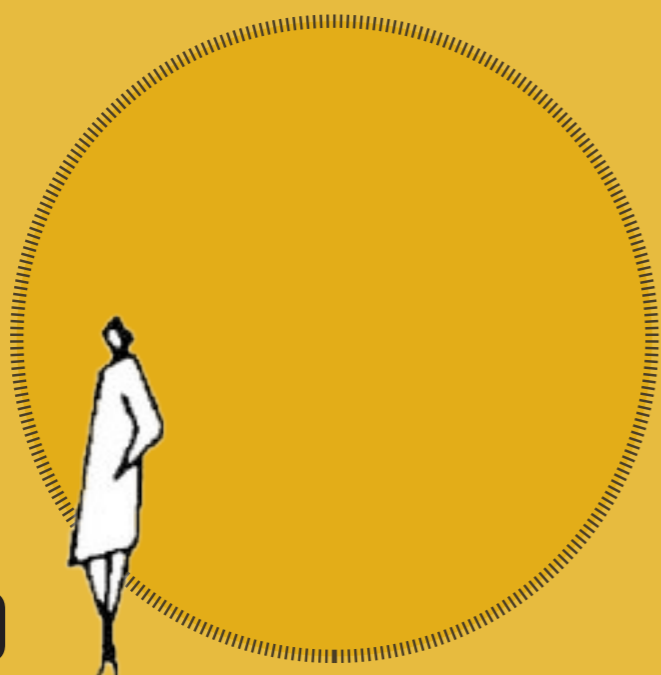
GEOMETRIZAÇÃO

DESTAQUE NA COR E CRATIVIDADE

INTERVENÇÃO PONTUAL

UTILIZAÇÃO DOS VAZIOS URBANOS

Fonte: 100architects.com
Autor: Amey KandaIgaonkar



CENTRO DE GOIÂNIA

BREVE PASSAGEM PELO CENTRO

Goiânia, “ a vanguardeira da marcha para o Oeste”, como diz Silva (2015, p.78), surge em 1933 com o discurso de progresso e como solução do problema de saúde pública da antiga capital, a cidade de Goiás. Por falar em antiga capital, Goiânia surge para ser antagônica a essa. Pedro Ludovico Teixeira, o interventor, contrata Attílio Correia Lima para projetar a modernidade, o seu partido foi a monumentalidade, suas referências, francesas e saxônicas, algo novo, trazido de fora para dentro, ou melhor, da Europa para a população tradicional colonial brasileira. Goiânia é o marco de uma nova era no Brasil.

Para a região central, Attílio entrega em seus desenhos a valorização das ruas, quarteirões, praças e monumentos. É no centro que existem tesouros da memória da cidade, espaços públicos que serviam a população para os seus encontros sociais e de lazer como a Avenida Goiás e o Café Central e para manifestações cívicas, como a Praça Cívica. O Setor Central reunia

os centros administrativos, políticos, econômicos, comerciais e concentrava os moradores da cidade de Goiânia.

A partir de 1950 o Centro de Goiânia sofre alterações com as especulações imobiliárias que resultaram na expansão urbana que em seguida resultou na descentralização de atividades variadas e a migração da população o residente do Setor Central para os outros novos bairros, Setor Sul, Setor Oeste, Setor Norte e Setor Leste.

O período de 1960 foi marcante pela imigração dos operários no fim da construção de Brasília com falta de infraestrutura urbana para a população de baixa renda e ausência de lotes, em uma cidade planejada para no máximo 50.000 habitantes. Esse fato fez com que Goiânia expandisse de uma tal forma que, nessa década de 1960, chegaram a ser criados 125 bairros. Foi um crescimento e expansão desenfreados e não planejados, juntamente com a população e os meios automobilísticos de transitar (GRANDE, 2016, p.82).

Esse era o novo contexto vivido pelo centro de Goiânia: com a dispersão de atividades e residentes, os seus espaços públicos e símbolos da cidade, como o Coreto, outro ponto de encontro e contemplação, foram perdendo a importância e aos poucos sendo esquecidos (GRANDE, 2015, p.82.). Em 1980, a expansão comercial marcou o declínio do Setor Central como uma escolha residencial, e os seus espaços públicos foram se esvaziando cada vez mais.

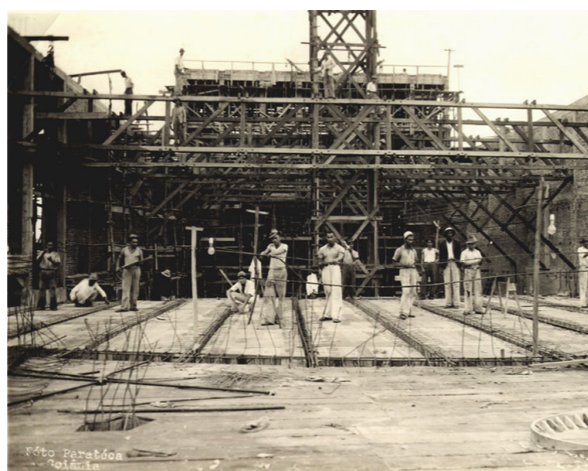
Então outros lugares da cidade assumiram esse papel de moradia e lazer, como o Setor Oeste e a Praça Almirante Tamandaré com bares e restaurantes no seu perímetro, o Shopping Flamboyant, na região sul da cidade, ou seja, o interesse da população estava disperso em outros espaços e o centro foi “ocupado” pela insegurança dos vazios. E atualmente esse é o repertório da realidade do Centro. O Setor Central ainda é um acervo de histórias, cultura, arte, serviços, comércios. Porém, de certa forma esquecido e deixado de lado.



Fonte: Jornal UFG
Autor: Desconhecido



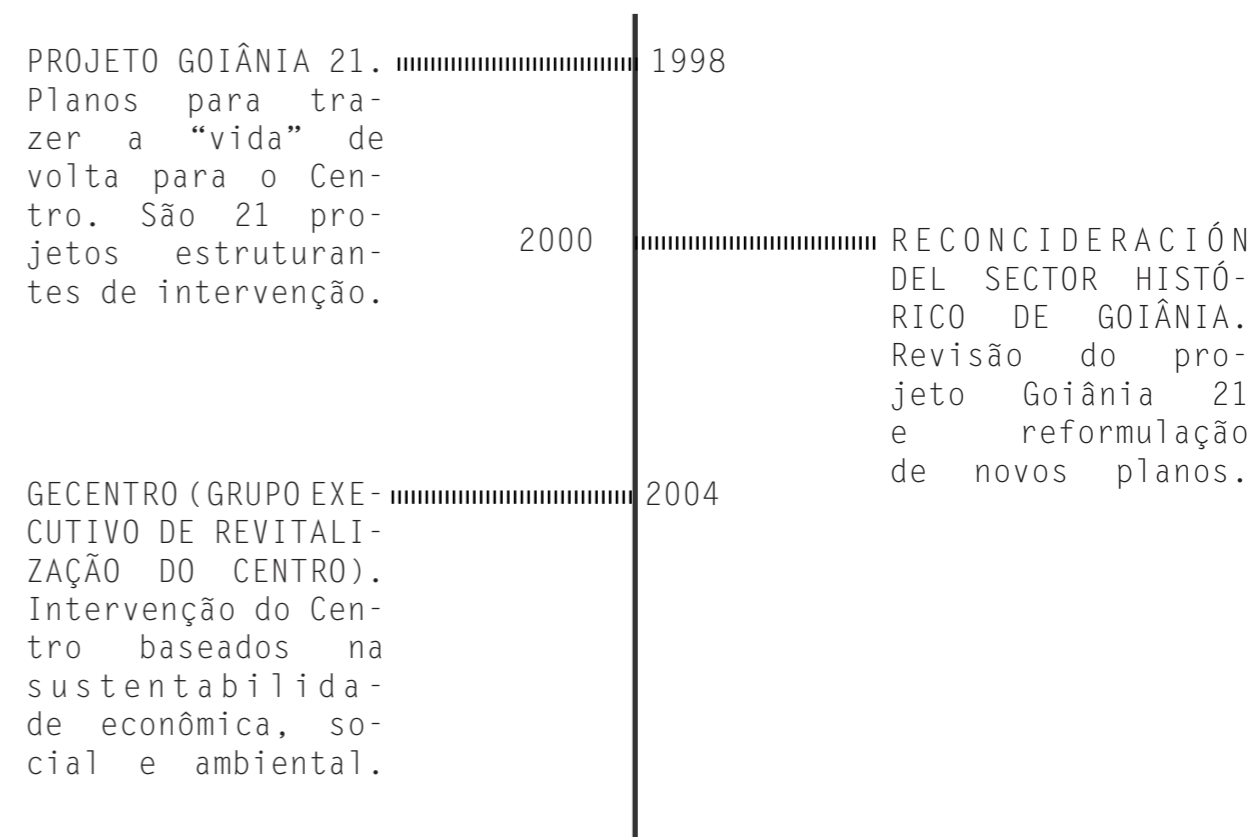
Fonte: Curta Mais
Autor: Desconhecido



Fonte: Jornal UFG
Autor: Desconhecido

INÍCIO DOS PROJETOS REVITALIZANTES

LINHA DO TEMPO



O Centro de Goiânia recebeu projetos de intervenção a partir das consequências do crescimento desenfreado e especulações imobiliárias em outras áreas da cidade. As consequências, um Centro degradado, substituição lenta da sua população, perda funcional que o caracterizava. Os olhares não se voltavam para o Centro. Dessa forma, descuidado. A partir de 1998 com o Projeto Goiânia 21 observa-se uma preocupação com a história que o Centro carrega, com a revitalização dos edifícios art decò e suas fachadas, e com a sua vitalidade urbana. Apesar dessas serem preocupações relevantes, o Projeto Goiânia 21 e o Projeto Reconsideración Del Sector Histórico de Goiânia não foram implantados. O projeto Gecentro foi desenvolvido durante o governo de Pedro Wilson. O projeto teve cinco focos de intervenção: Revitalização da Praça Eurico Viana, Revitalização da Praça Joaquim Rufino, Revitalização da Praça do Avião, Revitalização do Mercado Aberto da Avenida Paranaíba, Revitalização da Avenida Goiás. Todas essas intervenções foram implantadas.

A REALIDADE DO

A realidade atual do Centro de Goiânia é preocupante do ponto de vista da vitalidade urbana, da segurança, da memória, identidade bem como do convite ao convívio, aos encontros, às caminhadas, ao lazer, e à contemplação.

O centro e sua vivência está se perdendo com passar do tempo, vivencia - se um esvaziamento dos espaços públicos, a falta de identidade pela não lembrança e conservação da história da cidade.

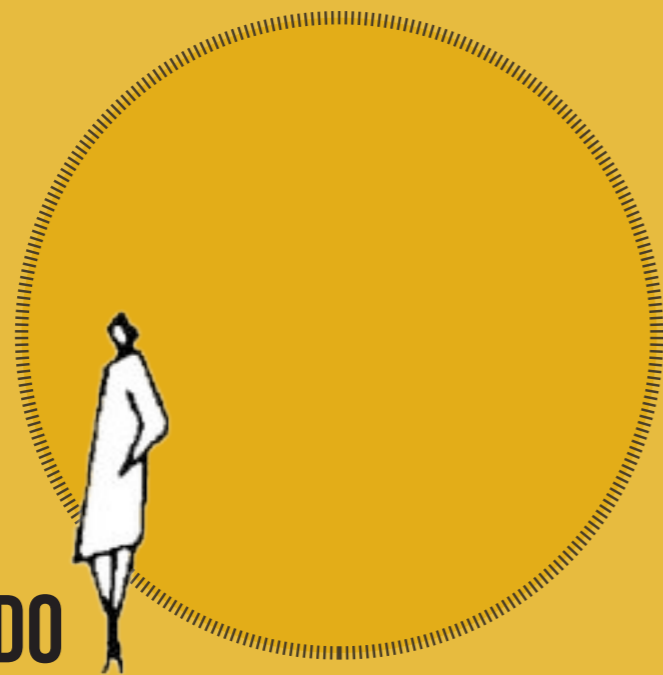
Apesar de movimentado algumas horas do dia, especificamente no horário comercial, a vivência do espaço público de fato se perde - as calçadas não são convidativas e seguras para caminhar, contemplar ou encontrar pessoas os carros invadiram as vielas e os estacionamentos tomam conta de todo espaço que poderia ter a oportunidade de estabelecer a utilização e a afetividade pelo lugar. Resultado e consequência de acontecimentos ao longo da história do Centro que o fizeram como está atualmente.



Fonte: Anna Laura Prado
Autor: Anna Laura Prado



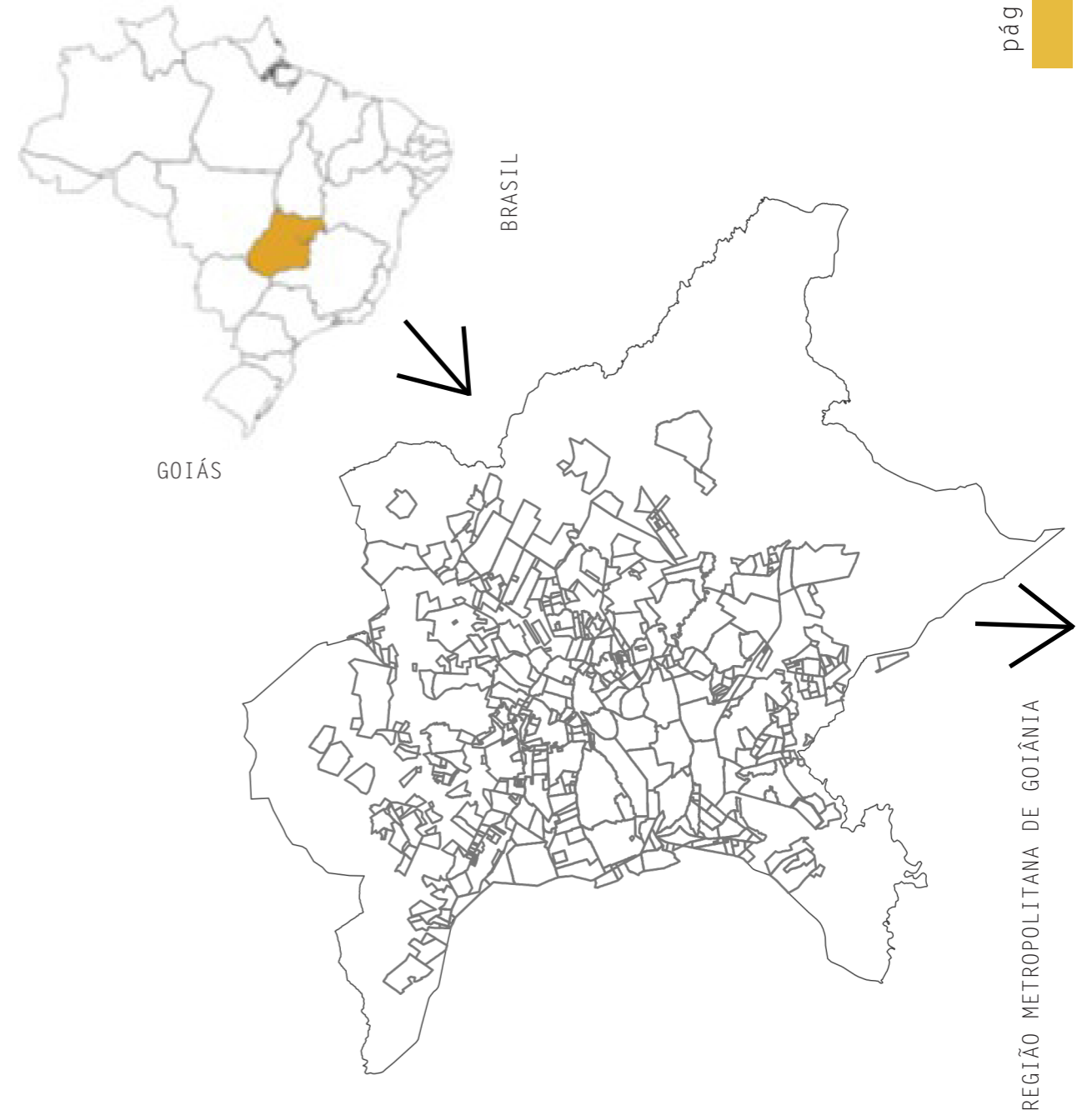
6. DIAGNOSTICANDO



A ESCALA DO AVIÃO

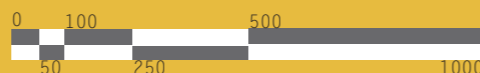
A área de intervenção foi escolhida através das edificações históricas, artísticas e culturais listadas no mapa “os pontos”. Esses “pontos” foram os imãs que chamaram a atenção para a futura proposta de intervenção. Como o foco do trabalho está em

propor intervenções artísticas e lúdicas nos espaços públicos do Centro, afim de afirmar a vitalidade urbana nesse setor. Justifica-se então a escolha desses “pontos” como norteadores para um olhar mais atento à sua realidade. Afim também de valorizar essas edificações.





ESCALA:



SETOR CENTRAL

ÁREA DE INTERVENÇÃO

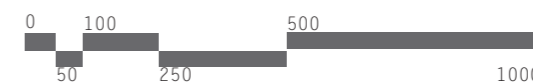
“OS PONTOS”



LEGENDA:

● EDIFICAÇÕES HISTÓRICAS/
ARTÍSTICAS/CULTURAIS

ESCALA:



- | | |
|------------------------------|-----------------------------------|
| 1. CASA (AV. CHATEAUBRIAND) | 9. MERCADO MUNICIPAL |
| 2. MUSEU PEDRO LUDOVICO | 10. CASA (RUA 3) |
| 3. MUSEU ZOROASTRO ARTIAGA | 11. CASA (RUA 6) |
| 4. CORETO | 12. HOTEL DOM BOSCO |
| 5. RELÓGIO | 13. GRANDE HOTEL |
| 6. ACADEMIA GOIANA DE LETRAS | 14. GOIÂNIA PALACE HOTEL |
| 7. CASA (ALAMEDA BOTAFOGO) | 15. CINEOURO |
| 8. LYCEU | 16. TEATRO GOIÂNIA E VILA CORA C. |

A **Torre do Relógio** inaugurado em 1942 e tombado em 2003 pelo IPHAN, faz parte do acervo arquitetônico de Goiânia, inspirado no art decò.

O **Museu Pedro Ludovico Teixeira** apresenta a memória arquitetônica da cidade de Goiânia e como símbolo da ruptura colonial para a modernidade, com a construção finalizada em 1937 O museu apresenta um acervo diversificado da vida familiar e política de Pedro Ludovico Teixeira.

Inaugurado em 1942 o **Coreto** é um local de reunião, ponto de encontro e contemplação. Monumento que faz parte do Acervo Arquitetônico e Urbanístico Art Decò de Goiânia Símbolo importante para a representação da cidade e para memória urbana (BOAVENTURA GRANDE, 2015).

A **academia Goiana de Letras** inaugurada em 1939 Reúne membros da sociedade literária. No início da sua implantação foi contemplada com 21 cadeiras.

Centro de Ensino Lyceu de Goiânia inaugurado em 1937 o Lyceu é o primeiro colégio de Goiânia. Faz parte dos edifícios projetados por Atílio Correia Lima e foi tombado

como Patrimônio Histórico pelo IPHAN em 2003 Atualmente atende aproximadamente 300 alunos em tempo integral.

O **Mercado Municipal** inaugurado em 1950 foi criado para suprir o abastecimento do gênero alimentício, porém, atualmente não serve para esse fim, já que existem tantos mercados na cidade. Contempla 101 permissionários, com lojas tradicionais Reúne o artesanato local, a cultura do encontro, os lanches tradicionais, e lojas de produtos artesanais e naturais.

O **Cine Ouro** foi inaugurado na década de 70 localizado dentro da Galeria Ouro na Rua 3 o Cine Ouro era constituído por um cinema com capacidade para 700 pessoas, depois foi dividido para que houvesse também um teatro. Em 2006 a Prefeitura de Goiânia o transformou em um centro cultural, com biblioteca, teatro, cinema café cultura, cursos de informática e uma loja que vende produções artísticas de artistas locais.

Teatro Goiânia inaugurado em 1942 originalmente conhecido como Cine Teatro Goiânia, onde foi realizado o Batismo Cultural da cidade, projetado para

ser cinema e teatro, com acomodações luxuosas e aparelhos cinematográficos de ponta, porém, como teatro deixava a desejar pelas dimensões incorretas do palco, no qual não era possível a remontagem de peças teatrais e espetáculos Um local movimentado na década de 40 para o encontro de artistas, intelectuais, políticos e operários. O Cine Goiânia entrou em posição de declínio pelo abandono e falta de manutenção. Em 1976 os engenheiros Aldo Calvo e Igor Iresnewsky foram os responsáveis pela transformação do Teatro Goiânia, ao se adequar as medidas de um teatro para as apresentações teatrais e para o resgate da memória local Passou por uma segunda reforma de restauração em 1998. E atualmente tem capacidade de receber 836 pessoas .E em 1982 foi tombado.

Vila Cultural Cora Coralina inaugurada em 2013 criada para ressaltar a importância e importância do Teatro Goiânia. É composta por Sala de Exposições Principal, Sala Multimídia João

Bênio (com capacidade para 50 pessoas), Sala Antônio Poteiro Sala Sebastião Barbosa, Sala do CAT, Hall, Varanda e a Praça Belkiss Spenziere. Com mostras, exposições, workshops, palestras, festivais, entre outras atividades Aberto ao público, com a entrada gratuita.

As Casas das Ruas 3 6 Alameda Botafogo, Av Chateaubriand, são casas históricas, memória viva da época da concepção de Goiânia Pérolas para a cidade que mais do que não poderem ser esquecidas, devem ser conhecidas e memorizadas.

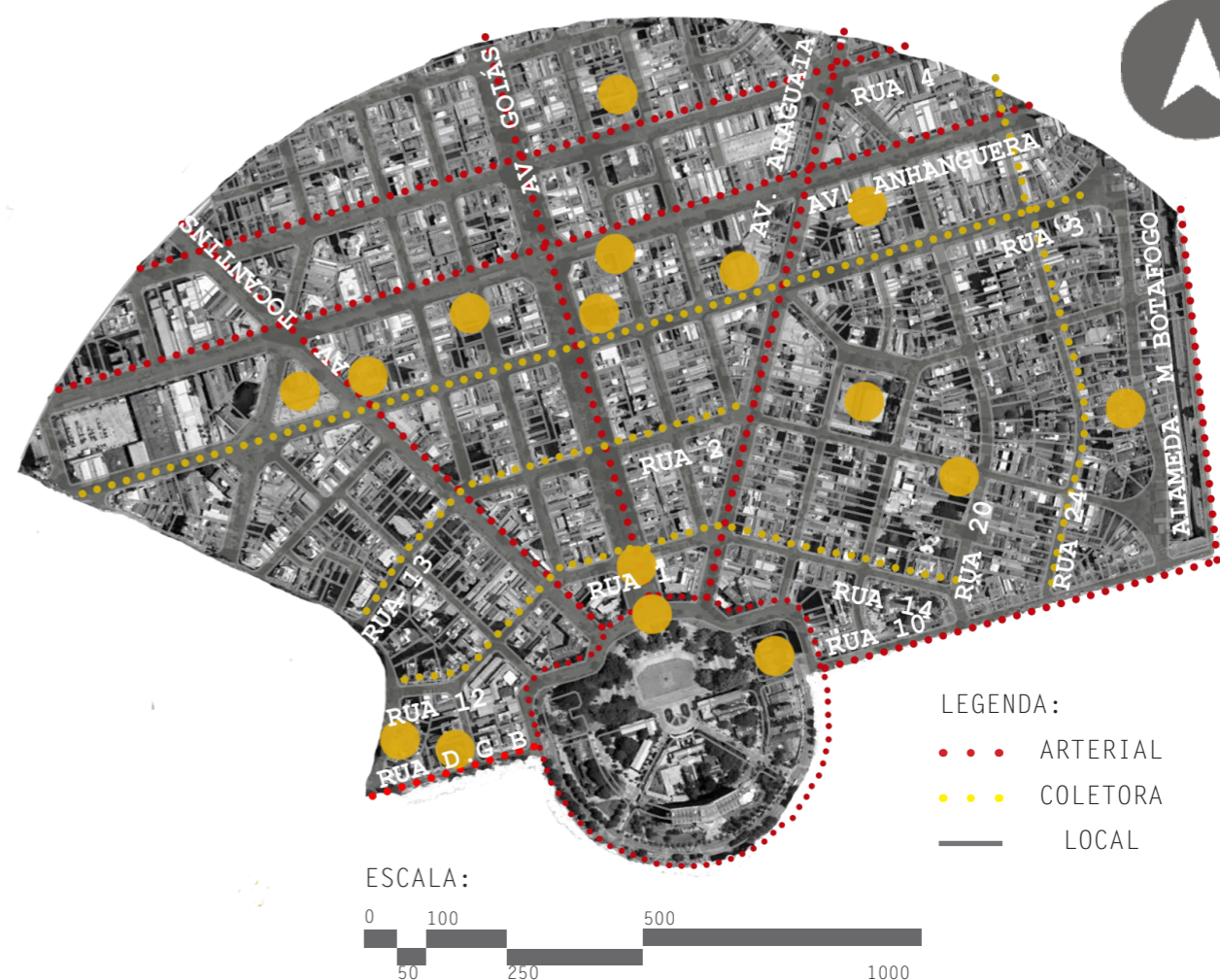
O **Grande Hotel** foi inaugurado em 1937 sendo assim, o terceiro edifício construído na cidade de Goiânia Foi tombado como Patrimônio Histórico de Goiás, faz parte dos edifícios art decò. Atualmente é a sede da Divisão do Patrimônio Histórico de Goiás.

Inaugurado em 1953 o **Goiânia Palace Hotel** faz parte do Patrimônio art decò. Atualmente é cuidado por uma família de franceses brasileiros que pensam em transformá-lo em hotel boutique e bistrô. Os dois hotéis fazem parte da história e memória da cidade de Goiânia.



Os pontos relatados são os definidores do recorte Tendo em vista a sua importância para a história, cultura e arte de Goiânia, e, a falta de conhecimento desse reconhecimento por parte generalizada da população goianiense Portanto, a ideia é de que através das intervenções posteriormente realizadas, eles possam ser reconhecidos, valorizados, pertencidos, apropriados e permanecidos pelas pessoas.

“AS VIAS”



Como uma área central o sistema viário é alimentado por vários meios de transporte. Então, essa área é acessível quanto aos meios, o que não se expressa na qualidade das calçadas, nivelamento das ruas e mobiliários adequados. É possível detectar vias importantes da rede viária de Goiânia, representado no mapa As vias que partem da Praça Cívica são arteriais, apresentam fluxo intenso de veículos, e o volume do tráfego

altera de acordo com os dias e os horários, 7 00 12 00 18 00 que como consequência se transformam em congestionamento Os pontos levantados estão localizados em todos os tipos de vias arteriais coletoras e locais. A maioria dos pontos estão diretamente ligados às vias arteriais Entender a necessidade de cada uma é essencial para que o ato de caminhar, seja compreendido em diferentes situações que se encontram as vias.

“OS VERDES”

pág. 30

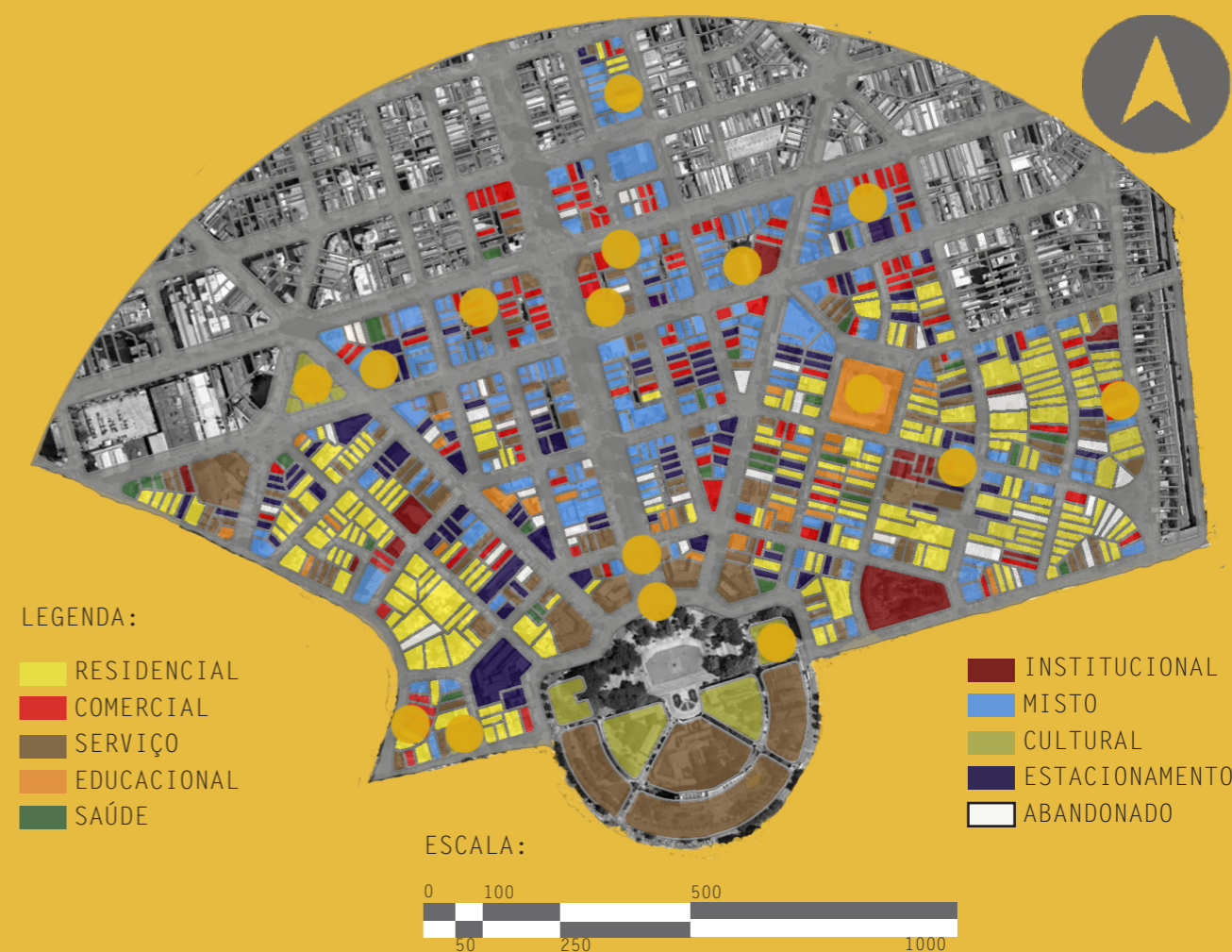


Os verdes são tão importantes para a vida da cidade. As áreas verdes são capazes de renovar o ar que a dinâmica da cidade tanto o polui, com a queima de combustível de veículos, com as fábricas, etc. É também o refúgio para encontrar tranquilidade em meio ao caos que novamente a dinâmica da cidade entra em cena, como, a rotina de trabalhar e estudar, a e correria dos afazeres diários. É uma solução para a poluição

visual. O sombreamento que elas fornecem, convidam para a caminhada e permanência. As manchas verdes são bem visíveis na Praça Cívica e na Avenida Goiás. Nas outras vias, são vistas de forma pontual. Com a incidência solar de Goiânia, a falta de sombreamento afeta diretamente na disposição de caminhar e permanecer em espaços livres de edificação. Então, os verdes se fazem essenciais para o convite à permanência e passagem.

“OS USOS”

pág. 31

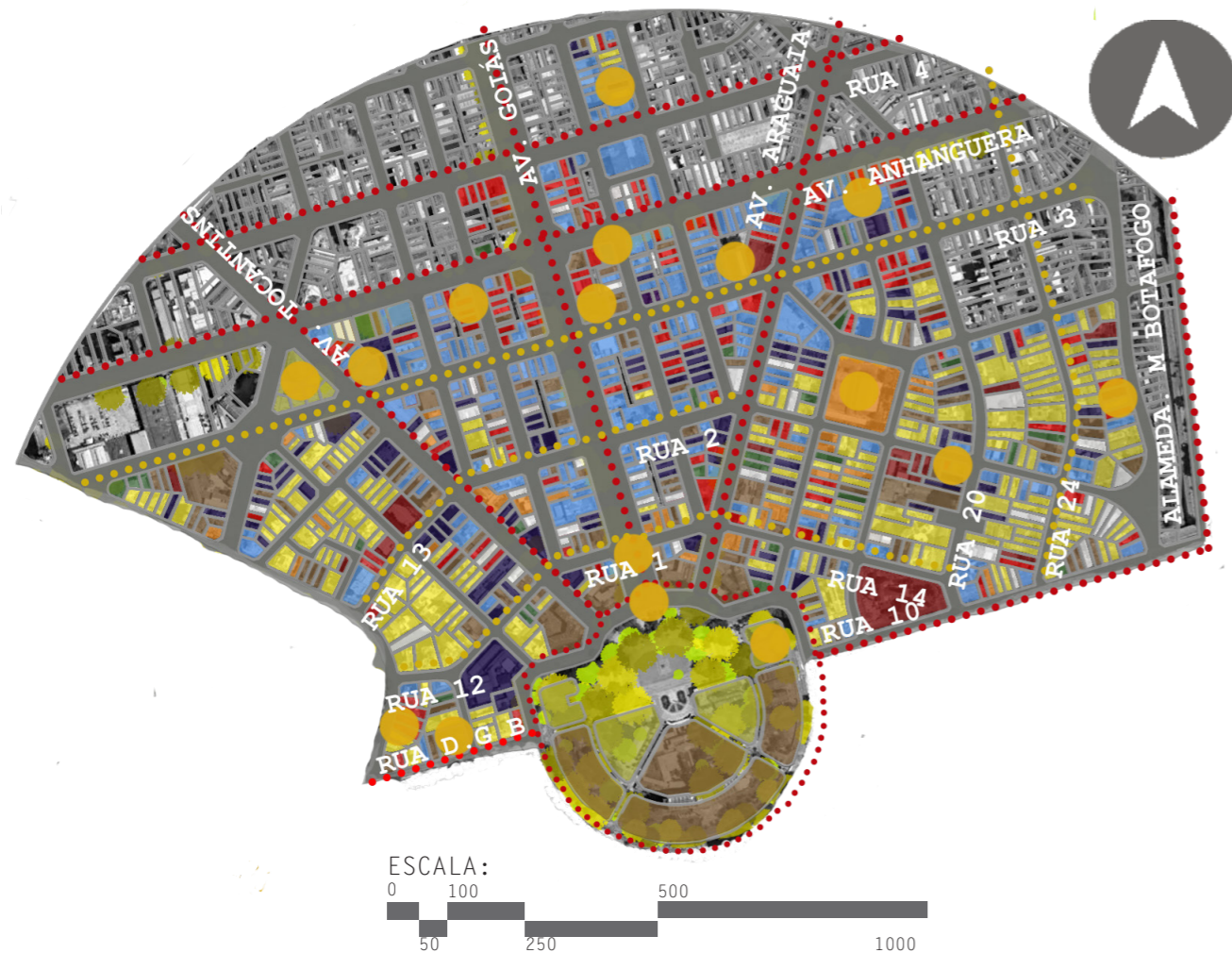


Os usos são variados, o Centro tem essa característica. Os usos residenciais são percebidos nas quadras lindeiras ao Bosque dos Buritis e na região leste levantada. O uso misto é relevante, principalmente na AV Goiás e proximidade, principais edificações com esse tipo de uso, são constituídas de serviço ou comércio no pavimento inferior e uso residencial no pavimento superior. Os lotes subutilizados com estacionamento é também

observado em grande quantidade. Serviços e comércios são observados com frequência e em algumas quadras são seguidos um do outro, fazendo com que quadras inteiras sejam compostas por esses dois tipos de uso, o que se torna um problema durante o período noturno. A segurança fica afetada, por durante esse período não possuir movimento dos estabelecimentos. O paradeiro é uma oportunidade para a marginalização.

“A SOBREPOSIÇÃO”

pág. 32



POTENCIALIDADES

1. IMPORTANTES EDIFICAÇÕES E MONUMENTOS PARA SEREM VALORIZADOS.
2. VARIEDADE DE USOS.
3. REUNIÃO DE EDIFICAÇÕES HISTÓRICAS.
4. EXPRESSIVIDADE DE ÁREAS VERDES NA PRAÇA CÍVICA, AV ANHAGUERA E AV. ARAGUAIA.
5. EXISTÊNCIA RELEVANTE DE PEDESTRES NAS RUAS VIAS ALIMENTADAS POR TRANSPORTE PÚBLICO VIABILIZANDO A ACESSIBILIDADE.

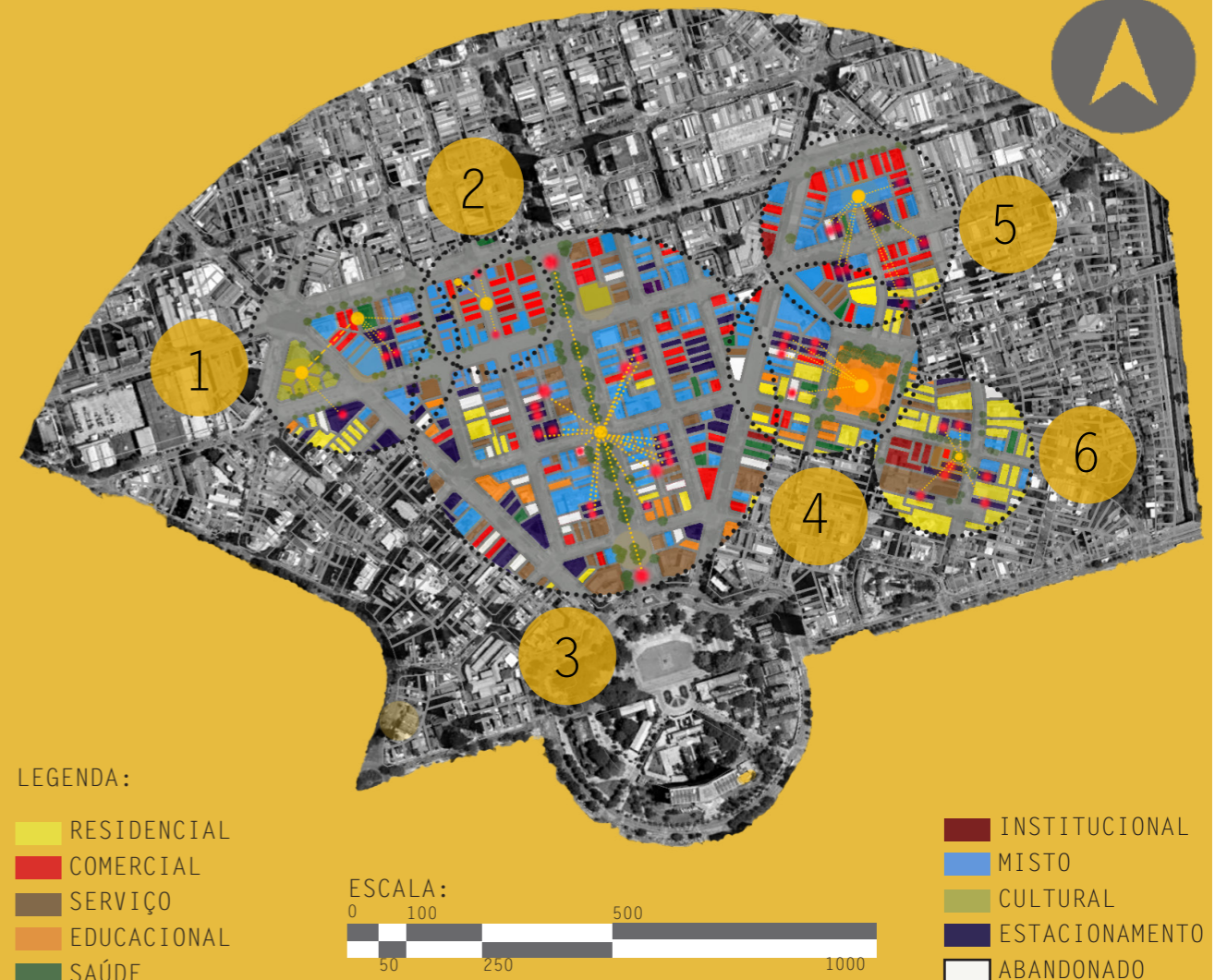
PROBLEMAS

1. EDIFICAÇÕES E MONUMENTOS QUE PASSA DESAPERCEBIDOS E DESCONHECIDOS PELOS MORADORES, PORTANTO, NÃO VALORIZADOS.
2. FALTA DE ATIVIDADES E DIVULGAÇÃO NOS PONTOS CULTURAIS.
3. INTERCALAÇÃO DE COMÉRCIO E SERVIÇO QUE NÃO FUNCIONAM À NOITE, FORMAM UM PAREDÃO.
4. LOTES SUBUTILIZADOS.
5. MASSA DE VEGETAÇÃO PONTUAL (FALTA DE SOMBREAMENTO).

“SOBREVOANDO NAS PROXIMIDADES”

pág. 33

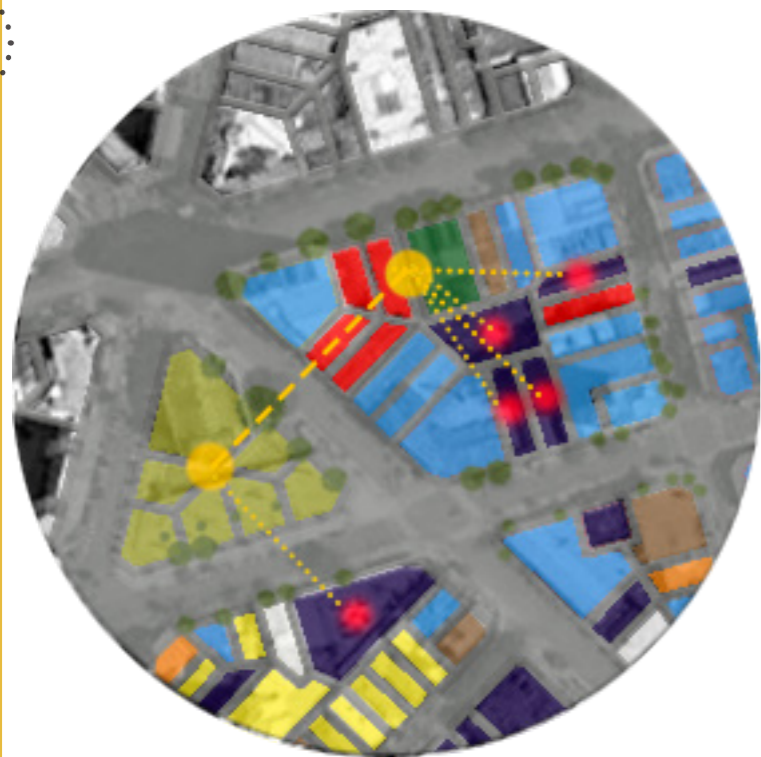
A ESCALA DO HELICÓPTERO



A Escala do Helicóptero aproxima das regiões onde os pontos estão centrados. Nessa escala é possível enxergar com mais clareza características que na outra escala (Escala do Avião) não permite, por ser muito abrangente e maior. Nessa escala, será priorizado a análise da vocação de cada região formada pelos respectivos pontos. E juntamente com essa vocação, será analisado também a possibilidade de áreas subutilizadas que poderão se tornar espaços públicos (intervenção urbana).

“VOCAÇÃO DAS REGIÕES” 1 e 2

VOCAÇÃO ARTÍSTICA



Região 1. Abrange o Teatro Goiânia, a Vila Cultural Cora Coralina e o Beco da Codorna. Ambos relacionados diretamente à arte. É uma região que abriga artistas e telespectadores de suas artes. Estabelecendo então uma vocação para explorar a arte diretamente no espaço a receber intervenção. Existem lotes subutilizados próximos aos pontos.

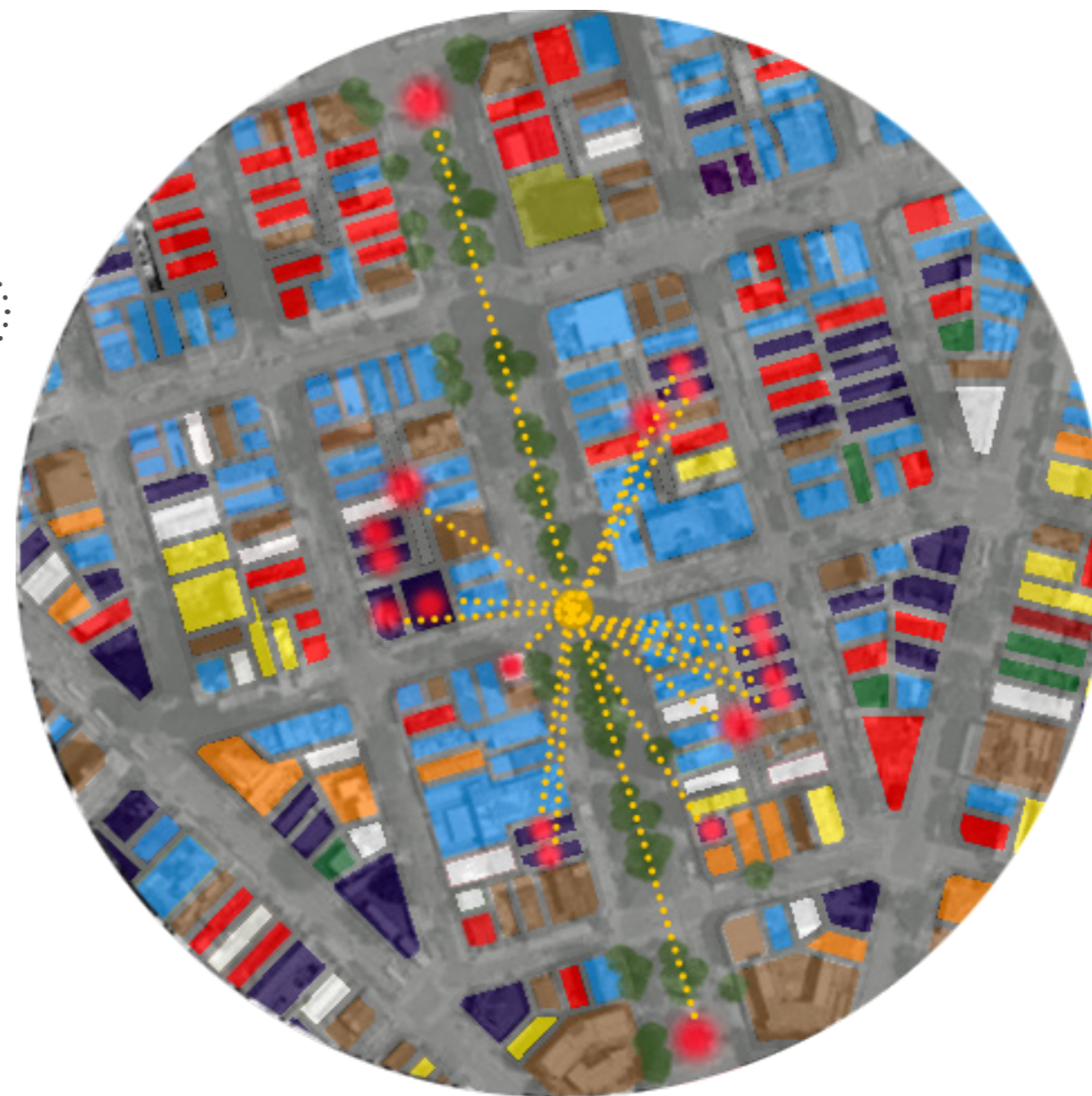
Região 2. Abrange a Rua do Lazer e o Goiânia Palace Hotel. A Rua do Lazer já é uma rua que é estrita para pedestres. Sendo também uma área possível de atração para a convivência, ao receber uma intervenção. Essa rua está conectada ao hotel, e, usos de comércio e residencial estão voltados para essa rua. A sua vocação é chamar as pessoas para conviver



VOCAÇÃO CONVIVÊNCIA

“VOCAÇÃO DAS REGIÕES” 3

VOCAÇÃO ATEMPORAL



Região 3. Abrange a Av. Goiás, o Coreto, o Grande Hotel. A Av. Goiás já é uma avenida que têm um extenso espaço público consolidado com a sua caixa central larga, contendo pergolados, bancos, árvores. Ainda assim, parece ser um local que não atrai por si só a utilização do seu espaço para o permanecimento. Com isso, é possível enxergar lotes subutilizados e as vielas que se conetam diretamente à ela. Com isso, é possível abranger a ideia de intervir nesses pontos em vermelho para que eles possam ser ativadores de permanência na Av. Goiás, Coreto, e Grande Hotel. A vocação dessa região esta associada

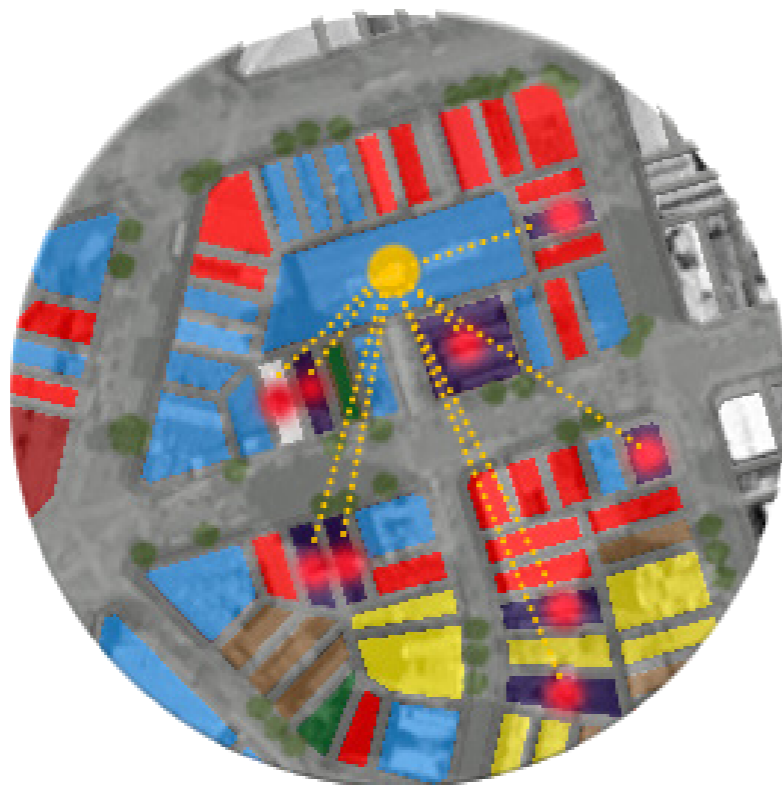
“VOCAÇÃO DAS REGIÕES” 4 e 5

4
VOCAÇÃO INFANTO-JUVENIL



Região 4. Abrange o Colégio Lyceu de Goiânia. É uma região com caráter educacional e residencial, que justifica a vocação ser infanto-juvenil. Na quadra limdeira a lateral oeste do Lyceu, existem lotes subutilizados que podem ser possíveis espaços públicos afim de atender essa vocação, ao mesmo tempo que convidam às pessoas ao cohecimento do Lyceu.

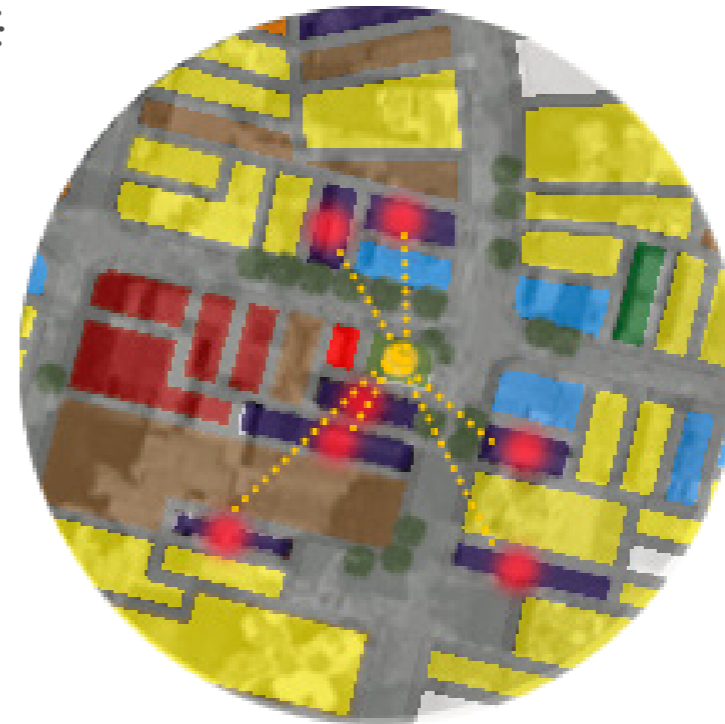
Região 5. Abrange o Mercado Municipal. O mercado por si só é uma releitura gastronômica goiana. Movimentado pelo comércio que o envolve. Os lotes subutilizados que se conectam à ele são possíveis espaços que deverão ser alinhados à função gastronômica afim de salientar e valorizar a cultura gastronômica goiana e o Mercado Municipal.



5
VOCAÇÃO GASTRONÔMICA

“VOCAÇÃO DAS REGIÕES” 6

6
VOCAÇÃO QUIETUDE



Região 6. Abrange a Academia Goiana de Letras. É em uma região de caráter residencial. A leitura está associada com conforto, descanso e contemplação. Essas características se conectam com o caráter de uma residência. Os lotes subutilizados deverão atender essa vocação. Que despertará interesse para conhecer esse ponto cultural.



1

2

3

4

5

6



Essa é a escala que permite que olhemos da mesma forma de quem usa o espaço. Faz-se possível sentir e ter as mesmas experiências que o pedestre tem. Esse é o momento de encontro com a realidade do Centro. Com a realidade e com as possibilidades.

Essa é uma viela do Centro, cercada por “paredões”. O que foi observado na escala média (escala do helicóptero) é confirmado na escala do pedestre. A falta de segurança para os pedestres ao passarem por essas vielas formadas de “paredões” fechados.

O desnivelamento e a não existência de calçada se torna um problema para a acessibilidade e conforto do pedestre. A falta de arborização é mais um fator de confirmação da escala maior que essa, sendo desagradável o caminhar obrigatório e de passagem pela falta

de sombreamento. A situação de falta de cuidado com o lixo público, confirma, o estado de decadência pública desenvolvida pela falta de valorização e descuido. A monotonia e a falta de movimento também pode ser observado à falta de vitalidade urbana.



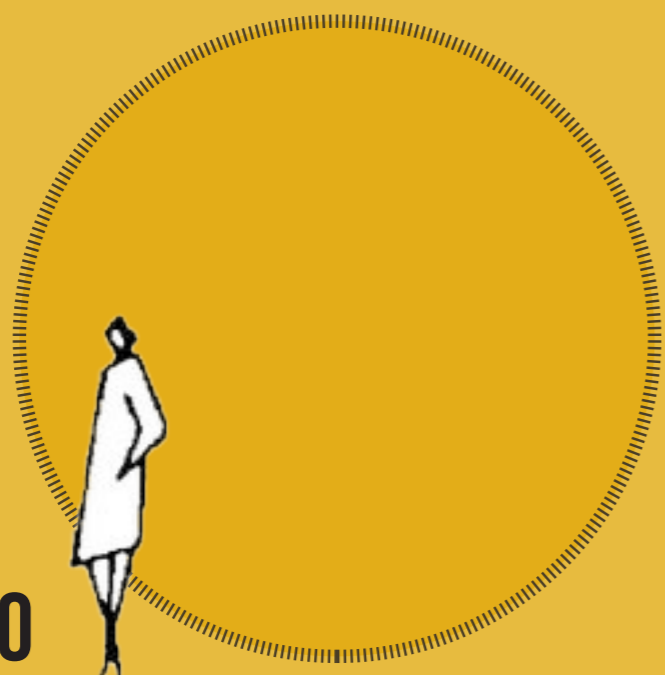
Fonte: Anna Laura Prado
Autor: Anna Laura Prado

Essa é a escala que também permite enxergar novas possibilidades de atribuir aos espaços públicos já existentes. Como, novas formas de interação, de convivência, encontros, diversão, atração, contemplação, valorização, descanso, cultura, ativida-

des, ocupação. Essa é a Rua do Lazer ou Rua 8, transformada em uma rua exclusiva para pedestres. Com o comércio que têm suas portas abertas para ela. Já possui bancos e iluminação. Ou seja, é um espaço interessante para atribuir valor ao que já existe. Sendo

assim, essa escala possibilita a visualização de propostas lúdicas e artísticas, que juntamente com o projeto paisagístico serão motivadores da caminhada e da permanência, bem como da apropriação dos espaços da cidade, ao viabilizar a vitalidade urbana,

de acordo com os problemas e potencialidades analisados. E também de acordo com o conceito de atribuir valor a cada edifício listado no mapa "pontos". O olhar de busca dessas áreas de intervenção se afunila com o diagnóstico realizado nas três escalas.



DIRETRIZES GERAIS

O Centro de Goiânia foi o escolhido para a intervenção, por ser instigante por sua história, que para ser valorizada, deve ser conhecida e lembrada. O valor artístico é encontrado também, com pontos importantes para a valorização da cultura e arte na cidade. Encontra-se também no Centro um descuido com o planejamento dos espaços públicos mais importantes de uma cidade, as ruas e calçadas, espaços que permeiam entre as edificações. As ruas do centro possuem uma particularidade, são muito usadas de dia, para os usos principais de serviços e comércios, apesar de não serem convidativas. E pela noite, torna-se ainda menos convidativa e segura, com os usos que durante o dia estavam abertos, fechados. A mesma rua, se assemelha a uma cidade fantasma. Alvo de insegurança e se torna monótona e triste aos olhos humanos.

Do Lúdico e da Arte traz uma nova perspectiva para o Centro de Goiânia, sob uma análise metodológica das três escalas, para entender o que é

necessário para que o caminhar e permanecer seja um objeto de qualidade urbana, assim como, para o pedestre.

Pensar nos espaços públicos para as pessoas, afim ativar a vitalidade urbana tornando os convidativos e atrativos. Ao inserir a arte e o lúdico abstraído as pessoas de seus cotidianos efêmeros, e tornar a caminhada contemplativa, reflexiva e interativa.

Então, um convite para as pessoas usufruírem e apropriarem dos espaços públicos, enfatizando, as ruas Um convite amigável. Que entende que quem vivencia o lugar é que traz identidade e vitalidade para ele. Saúde e segurança. Movimento e tranquilidade. Ocupação e apropriação. Valorização e memorização.

A qualidade dos espaços públicos é essencial para que esse convite seja aceito por parte dos pedestres. O quanto ele é seguro, saudável e atrativo influencia na escolha de passagem e permanência em um lugar. Então, as diretrizes gerais atenderão essas necessidades.

1 PROJETAR ESPAÇOS PÚBLICOS



Projetar espaços públicos em áreas subutilizadas. Transformar essas áreas em espaços públicos que vão oportunizar a passagem e a permanência dos pedestres e possibilitará diversas atividades opcionais, como, contemplar, observar, parar, brincar, fazer arte, apoiar, descansar, ler, desanuviar, conversar, encontrar, passear.

2 INCENTIVAR A UTILIZAÇÃO DOS EDIFÍCIOS HISTÓRICOS



O incentivo ao uso dos edifícios históricos e culturais pontuados, será através da criação dos espaços públicos próximos a eles. Que terão a função de imã, ao convidar as pessoas a utilizarem o próprio espaço e os edifícios próximos. As suas funções enquanto espaço público dialogarão com a vocação de cada região (na escala do helicóptero).

3 INSERIR A ARTE E O LÚDICO NAS INTERVENÇÕES



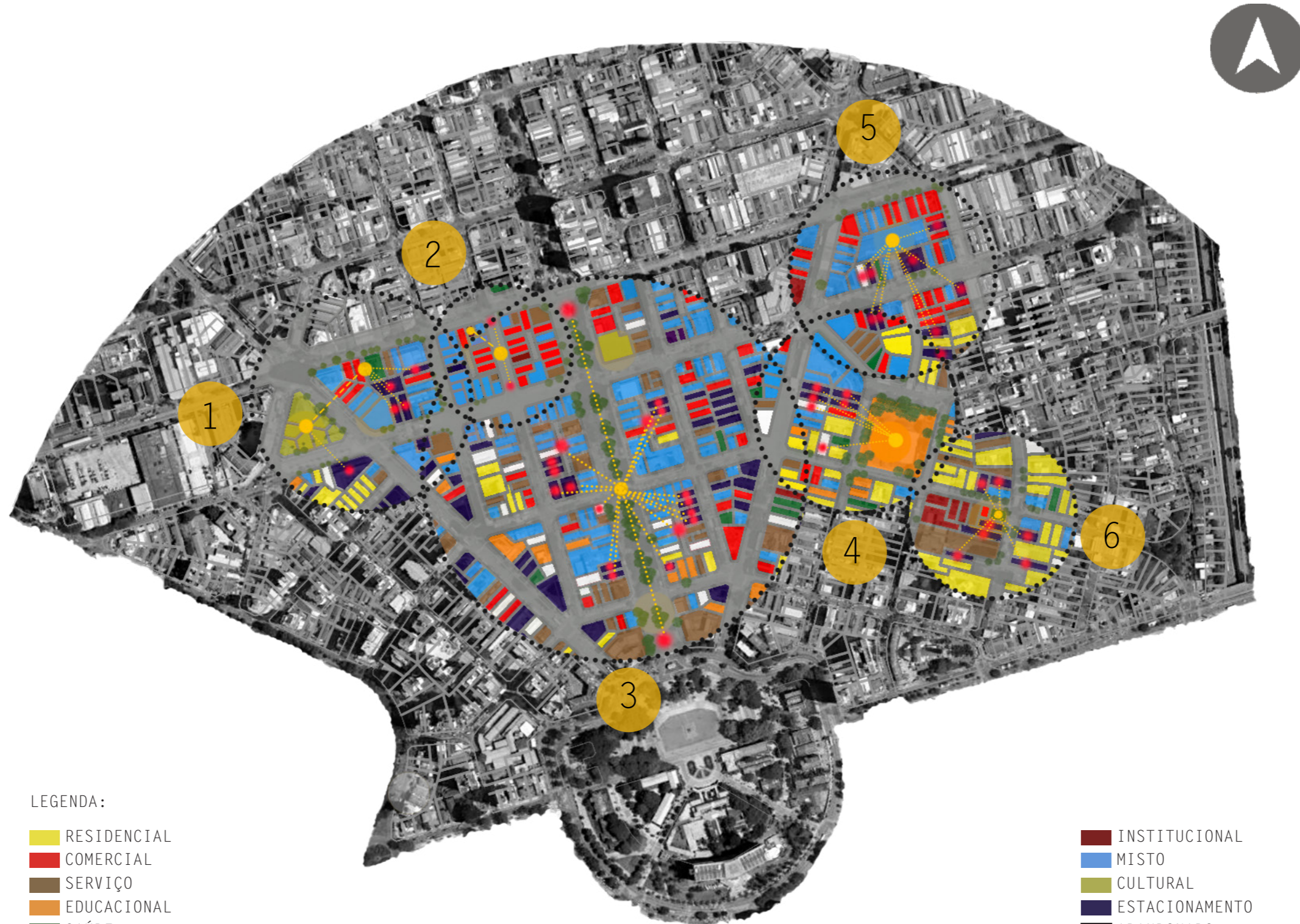
Inserir o lúdico e a arte como intervenções na criação de novos espaços públicos. Incentivar a expressão da arte e cultura. Dar espaço para que ela expresse, seja valorizada. Trazer leveza, cores, paginações com o lúdico. Afim de criar pequenos “oásis” em meio a complexidade dos transtornos da cidade.

4 PROPOSIÇÃO DE NOVOS USOS



Propor novos usos a lotes e edificações abandonados e subutilizados com o objetivo de atrair e convidar as pessoas a utilizarem mais o Centro. Essa proposta estará conectada diretamente com a criação de novos espaços públicos. Como apoio à permanência. Serão sugeridos novos usos, mas, o trabalho se concentra no desenho do espaço urbano e paisagístico.

PARA TODAS AS REGIÕES

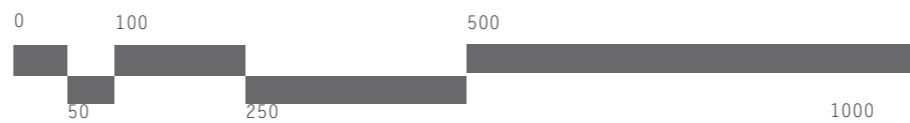


LEGENDA:

- RESIDENCIAL
- COMERCIAL
- SERVIÇO
- EDUCACIONAL
- SAÚDE

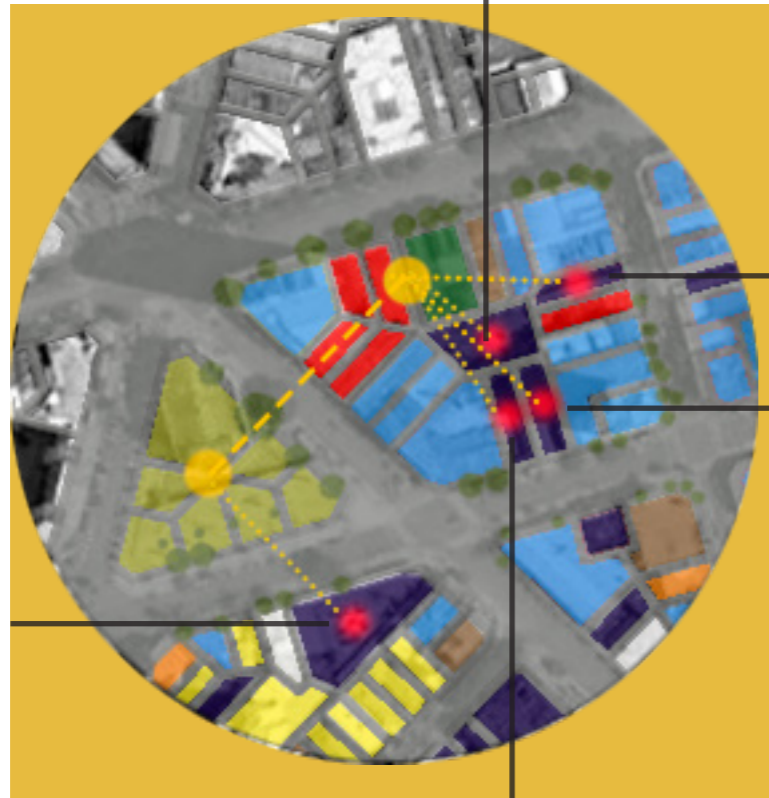
- INSTITUCIONAL
- MISTO
- CULTURAL
- ESTACIONAMENTO
- ABANDONADO

ESCALA:



1 REGIÃO - VOCAÇÃO ARTÍSTICA

Intervenção no Beco Da Codorna



Cafeteria com acesso ao Beco da Codorna

Restaurante com acesso ao Beco da Codorna

Intervenção Cinema ao céu aberto

Anexar ao Beco da Codorna

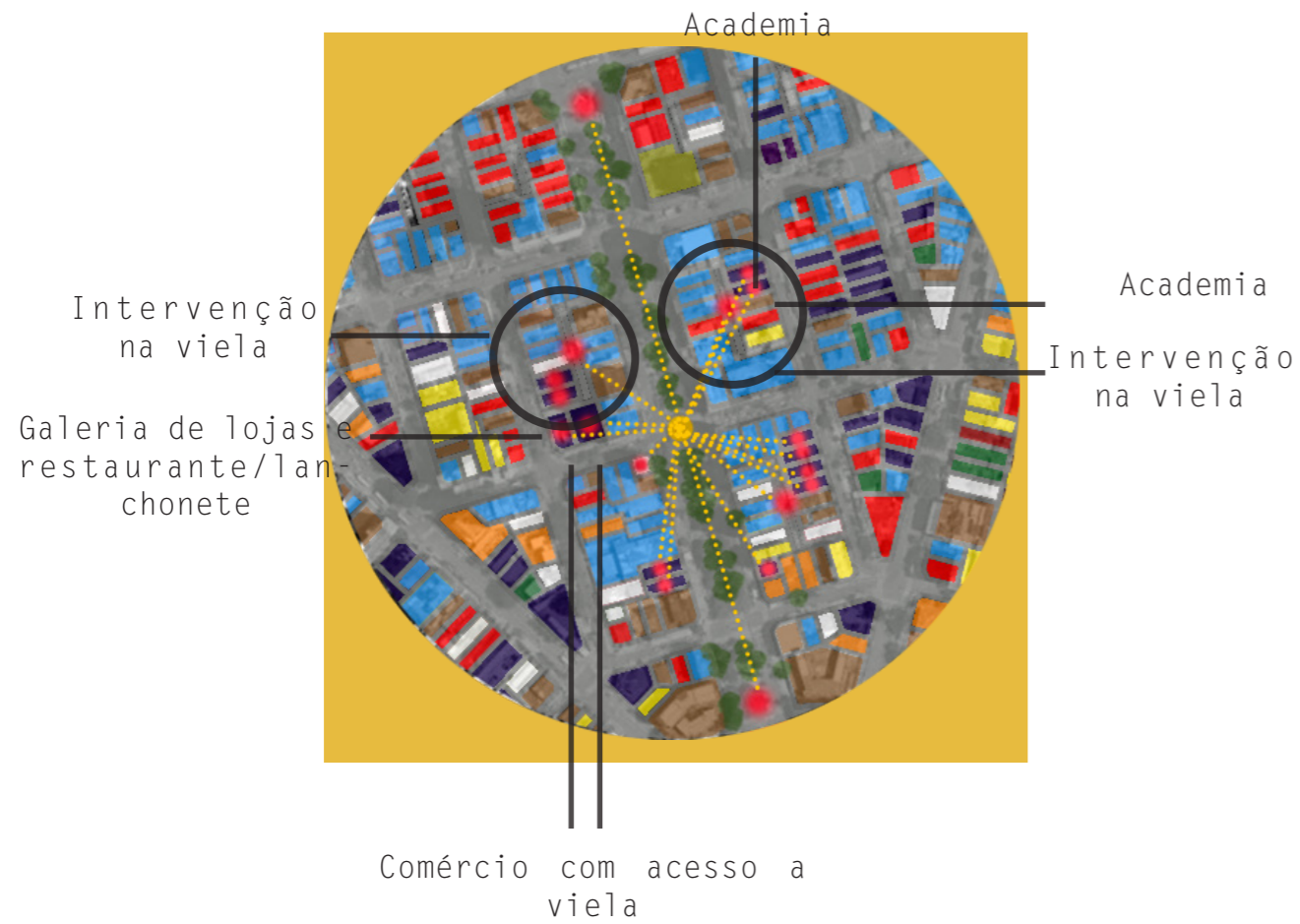
2 REGIÃO - VOCAÇÃO CONVIVÊNCIA

Revitalização da Rua do Lazer



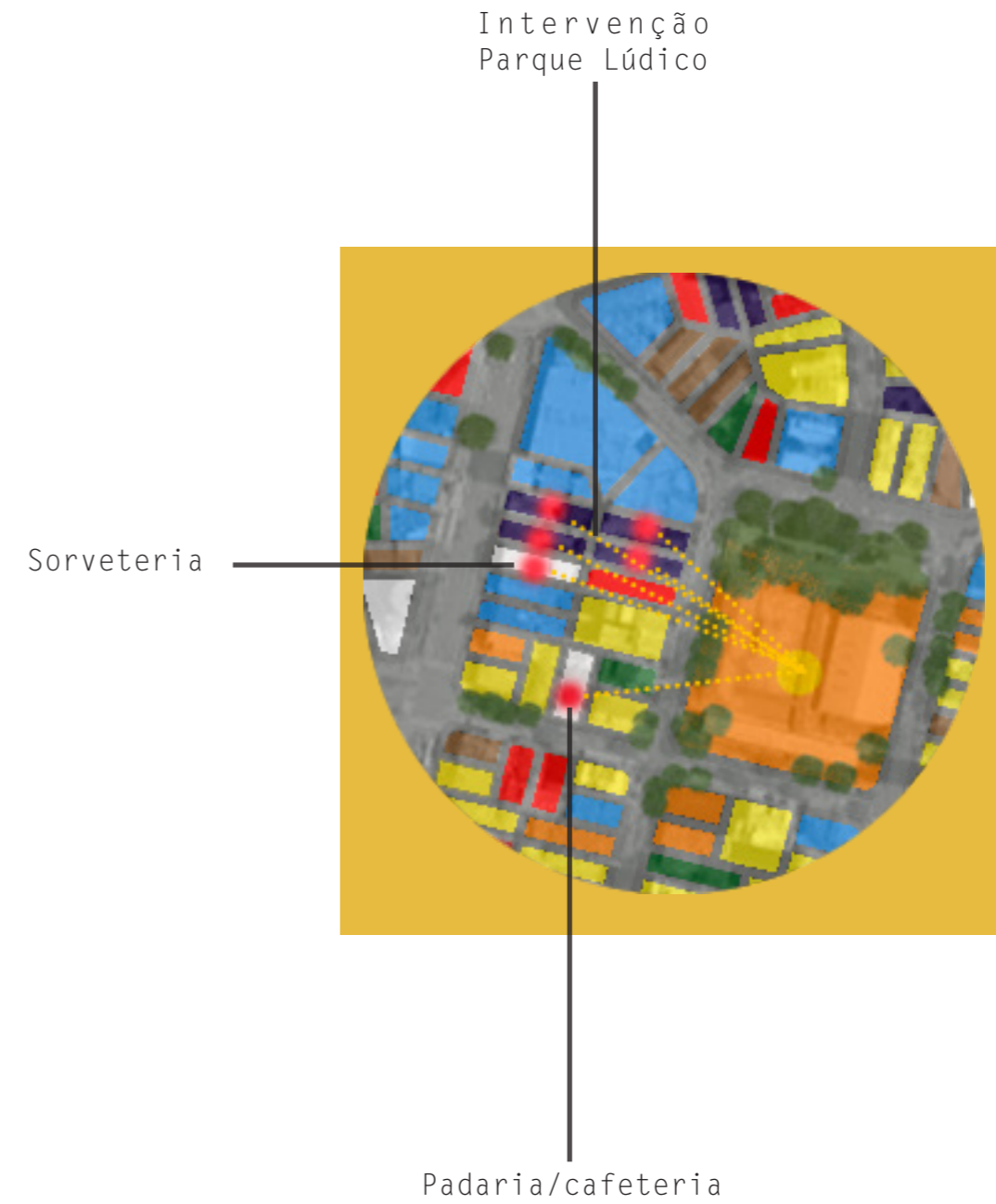
Palco Central para apresentações artísticas

3 REGIÃO - VOCAÇÃO ATEMPORAL



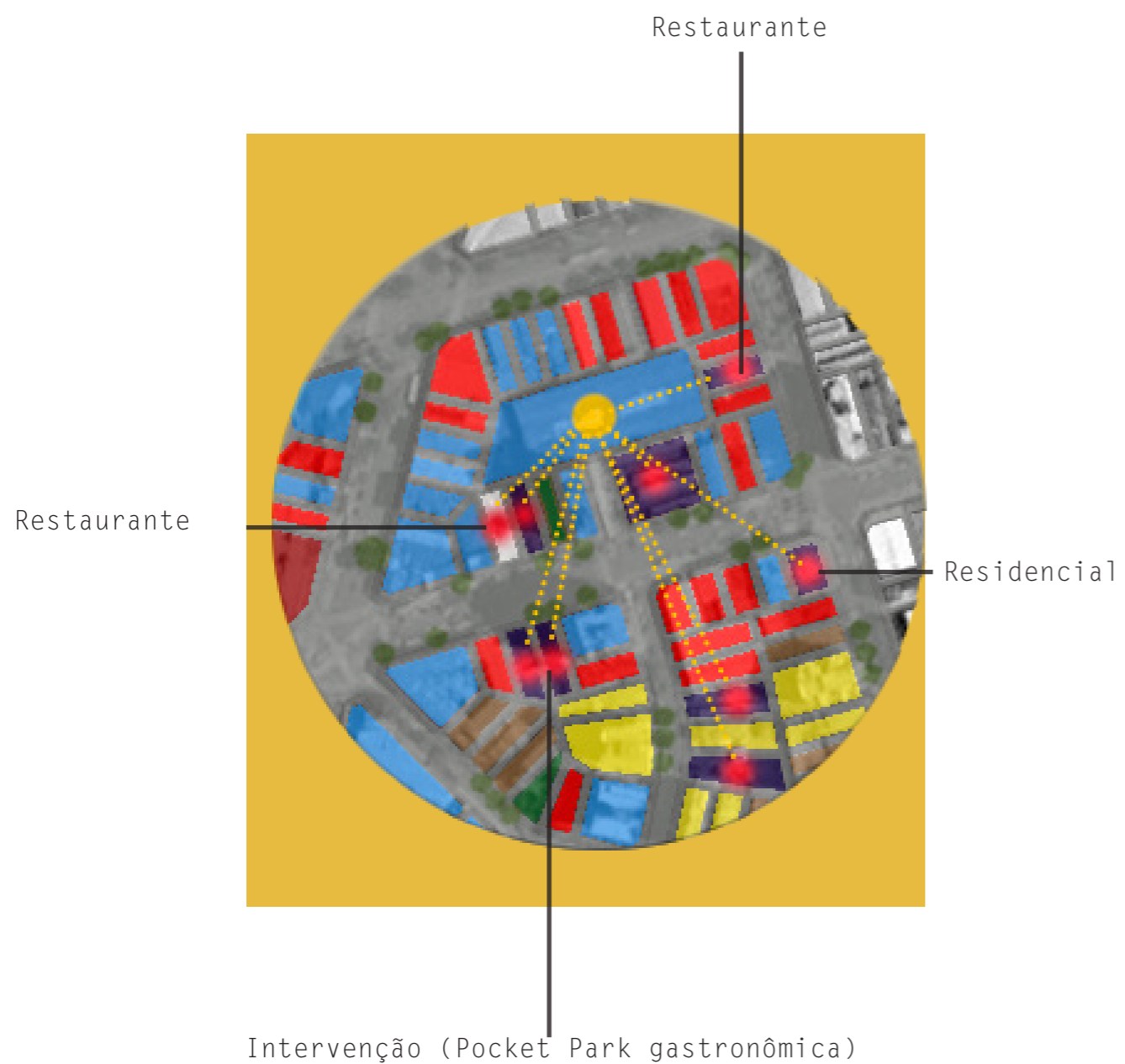
● Pontos Imã: Av. Goiás - Coreto - Relógio

4 REGIÃO - VOCAÇÃO INFANTO-JUVENIL



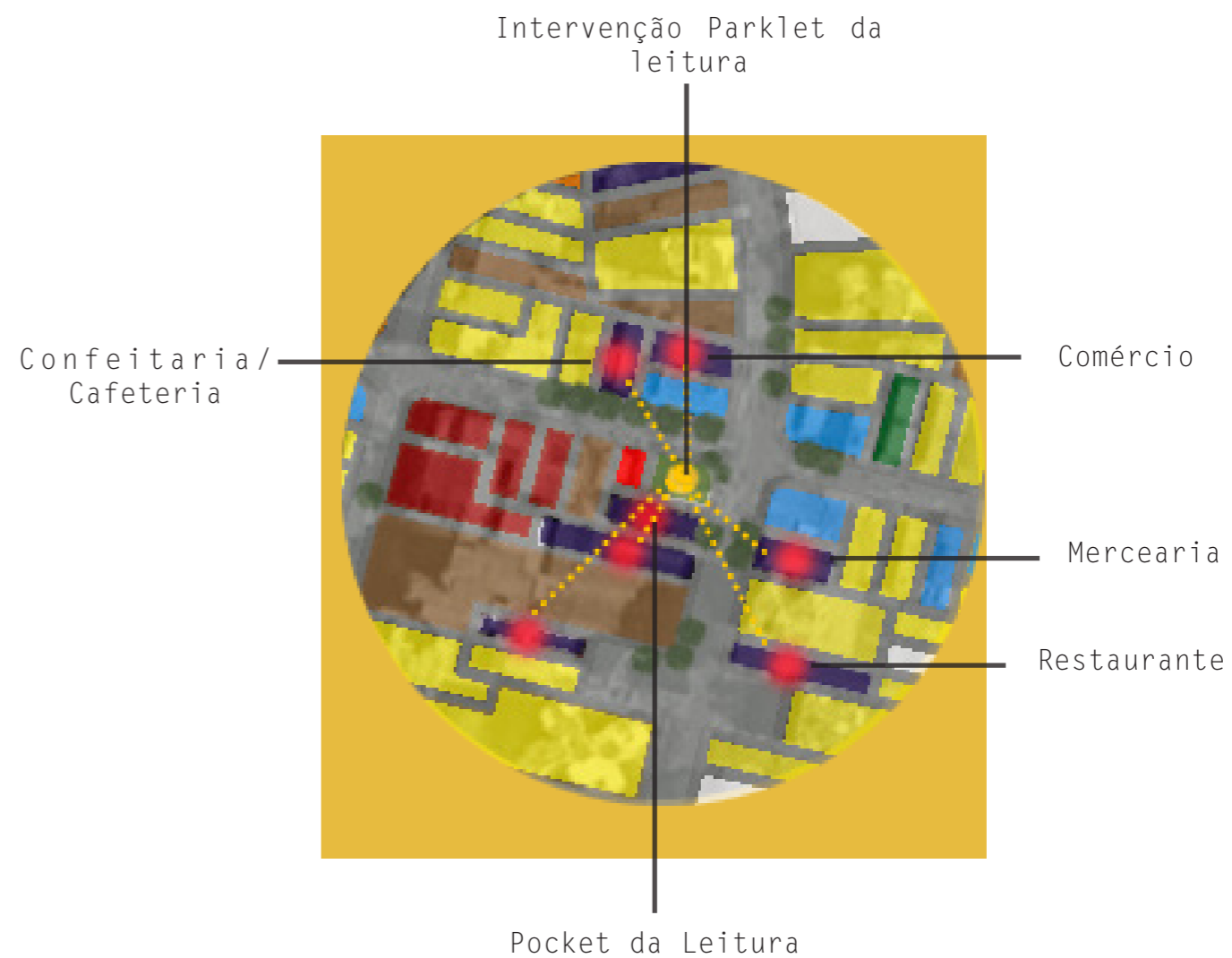
● Pontos Imã: Colégio Lyceu

5 REGIÃO - VOCAÇÃO GASTRONÔMICA



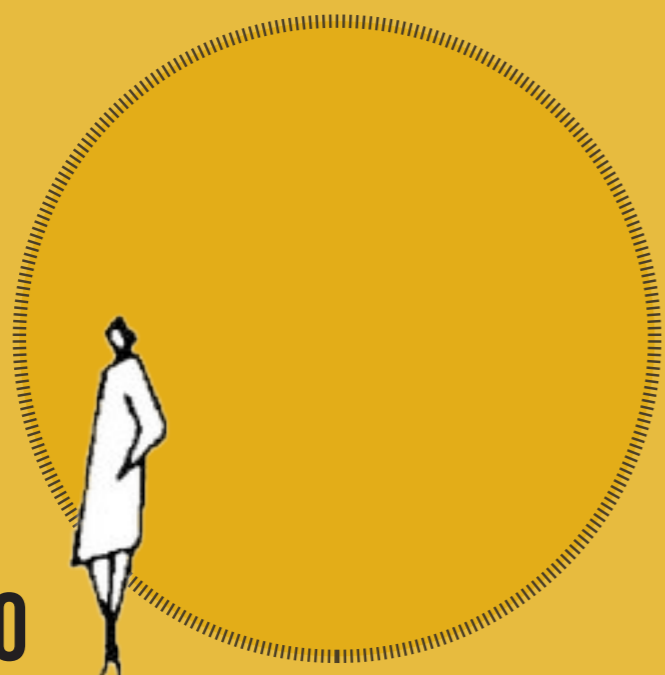
● Ponto Imã: Mercado Municipal

6 REGIÃO - VOCAÇÃO QUIETUDE



● Ponto Imã: Academia Goiana de Letras

8. PROJETANDO



OS ESPAÇOS PÚBLICOS

PROJETANDO



REGIÃO 1 - VOCAÇÃO ARTÍSTICA - O BECO DA CODORNA

REGIÃO 2 - VOCAÇÃO CONVIVÊNCIA - A RUA DO LAZER

REGIÃO 3 - VOCAÇÃO ATEMPORAL - AS VIELAS

REGIÃO 4 - VOCAÇÃO INFANTO - JUVENIL - O PARQUE LÚDICO LYCEU

REGIÃO 5 - VOCAÇÃO GASTRONÔMICA - O POCKET GOIANO

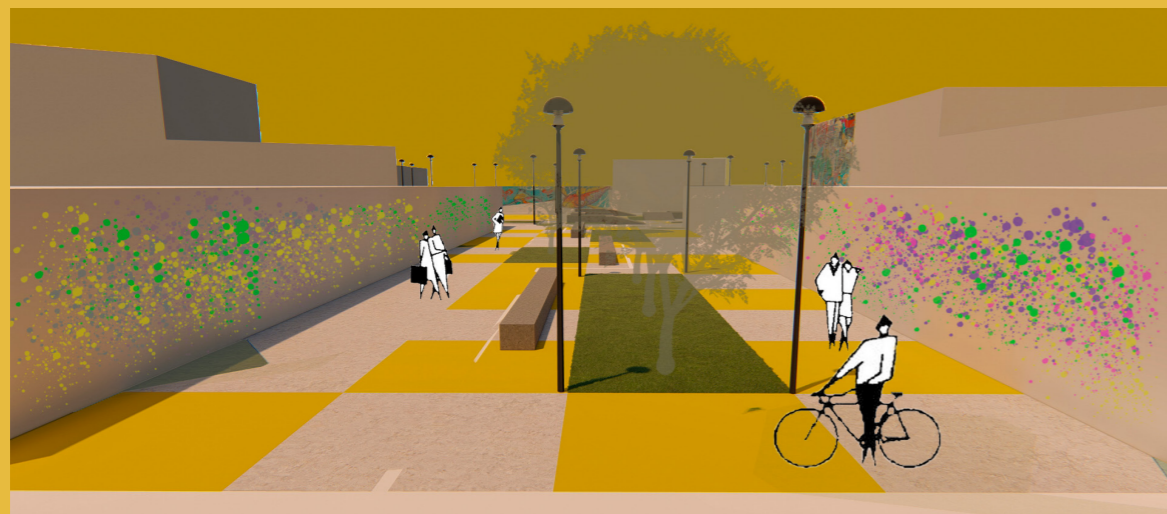
REGIÃO 6 - VOCAÇÃO QUIETUDE - O PARKELET DA LEITURA

INTERVENÇÕES



O BECO DA CODORNA é um espaço público utilizado para a pintura do grafite nos muros que o cercam. Porém, dentro do espaço, existe um vazio. Um vazio pleno. Esse vazio encontrado foi pensado para ser um espaço público que carrega a identidade de quem já o usa e que também agrega e convida à utilização e a identificação de novos usuários.

A arte do grafite e o skate estão inseridas na mesma cultura pop e por muitas vezes na história se cruzam. Então, uma possibilidade de uso, foi projetar um espaço com pistas de skate, circuito de patinação, e área plana para andar de patins, skate, bicicleta, patinete, etc. Então, esse espaço, é um espaço de convivência, passagem, apreciação da arte exposta nos muros pelos grafiteiros, interação com a arte do grafite, recreação, para praticar esporte do skate e outros.



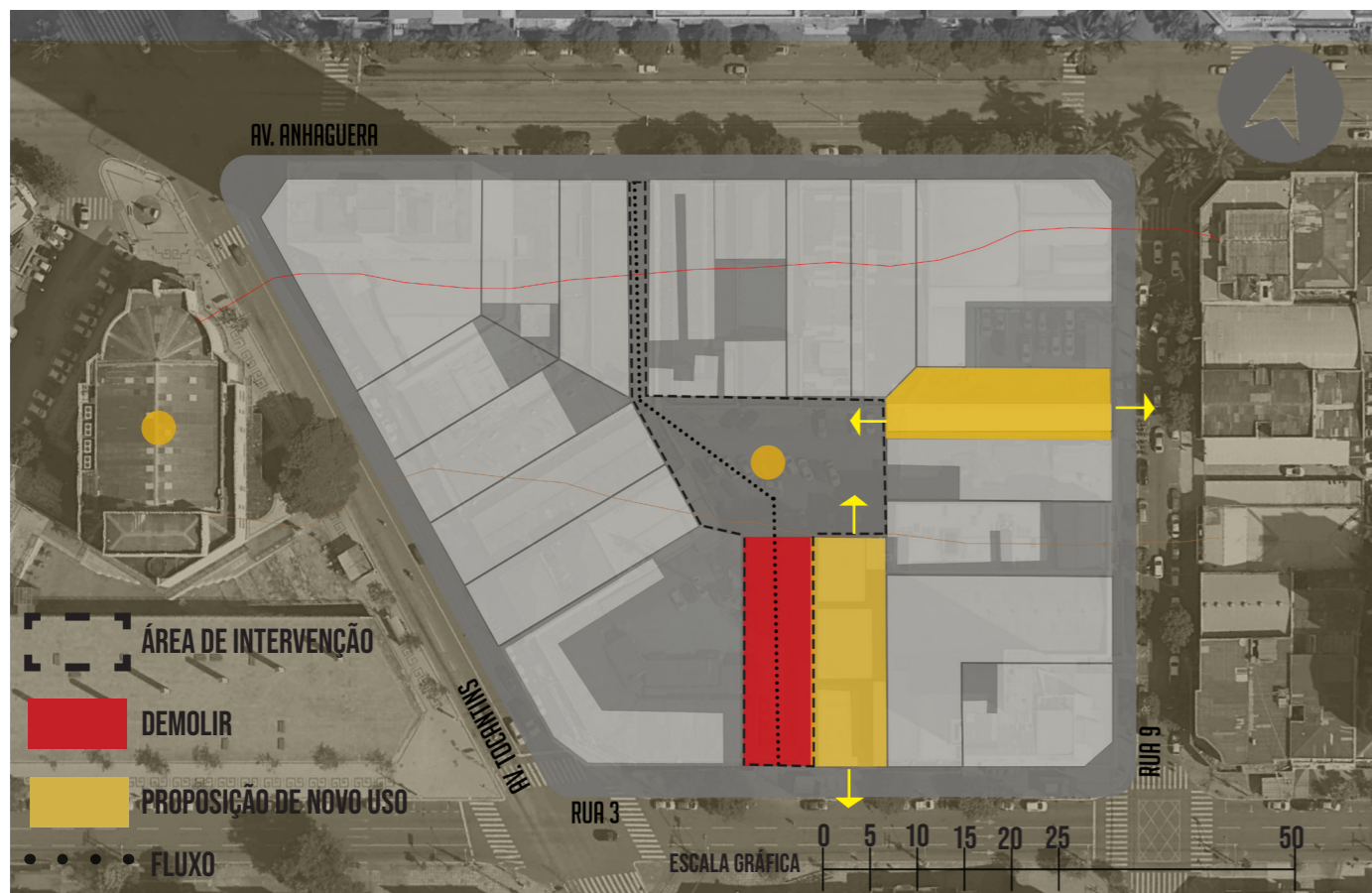
A EXPERIÊNCIA DO PEDESTRE

Ao entrar no Beco pela rua 3, o pedestre encontra uma oportunidade de interagir com a arte, os dois muros que cercam essa passagem com bancos e sombra das árvores, estão a disposição para serem pintados por aqueles que passam por ali. Prosseguindo mais um pouco, o pedestre encontra oportunidade de estar envolto à arte da cidade (grafite), pode apreciar e tirar fotos, como muitos fazem atualmente. Porém esse espaço oferecerá um pouco mais do que isso. As pistas de skate são para os iniciantes (as pistas street)

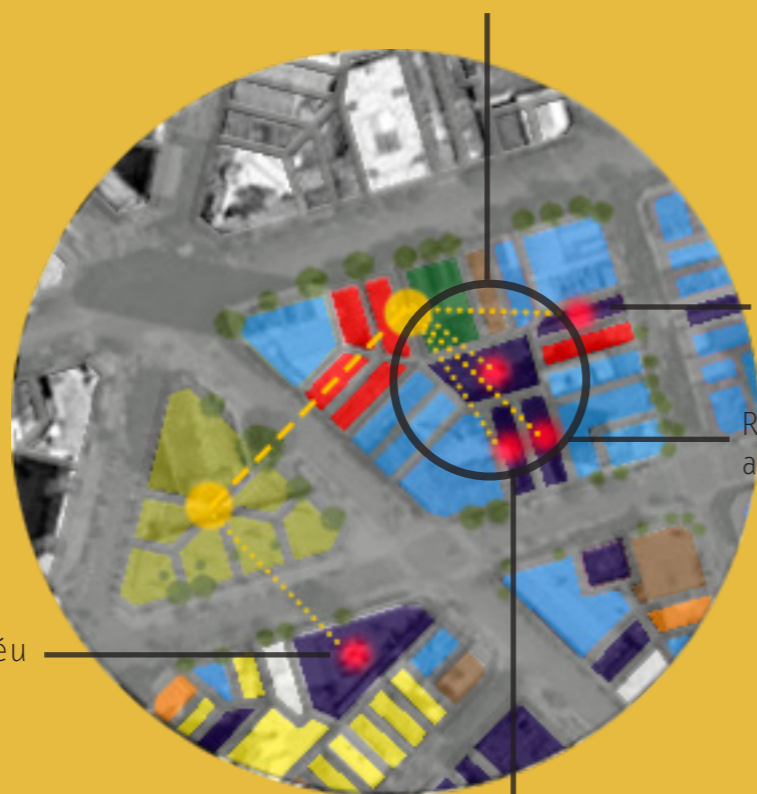
e para os profissionais ou mais avançados (com a pista half pipe). Para quem não anda de skate, pode ser um espaço para passar e passear de bike, andar de patins, patinete com as áreas planas e com o circuito lúdico. E para quem não for realizar nenhuma dessas atividades, o espaço oferece oportunidades sentar, observar, contemplar, descansar. E com a proposição de dois novos usos: um restaurante e uma cafeteria permite um uso mais amplo desse espaço. Pode ser um lugar para crianças, jovens, adultos e idosos.



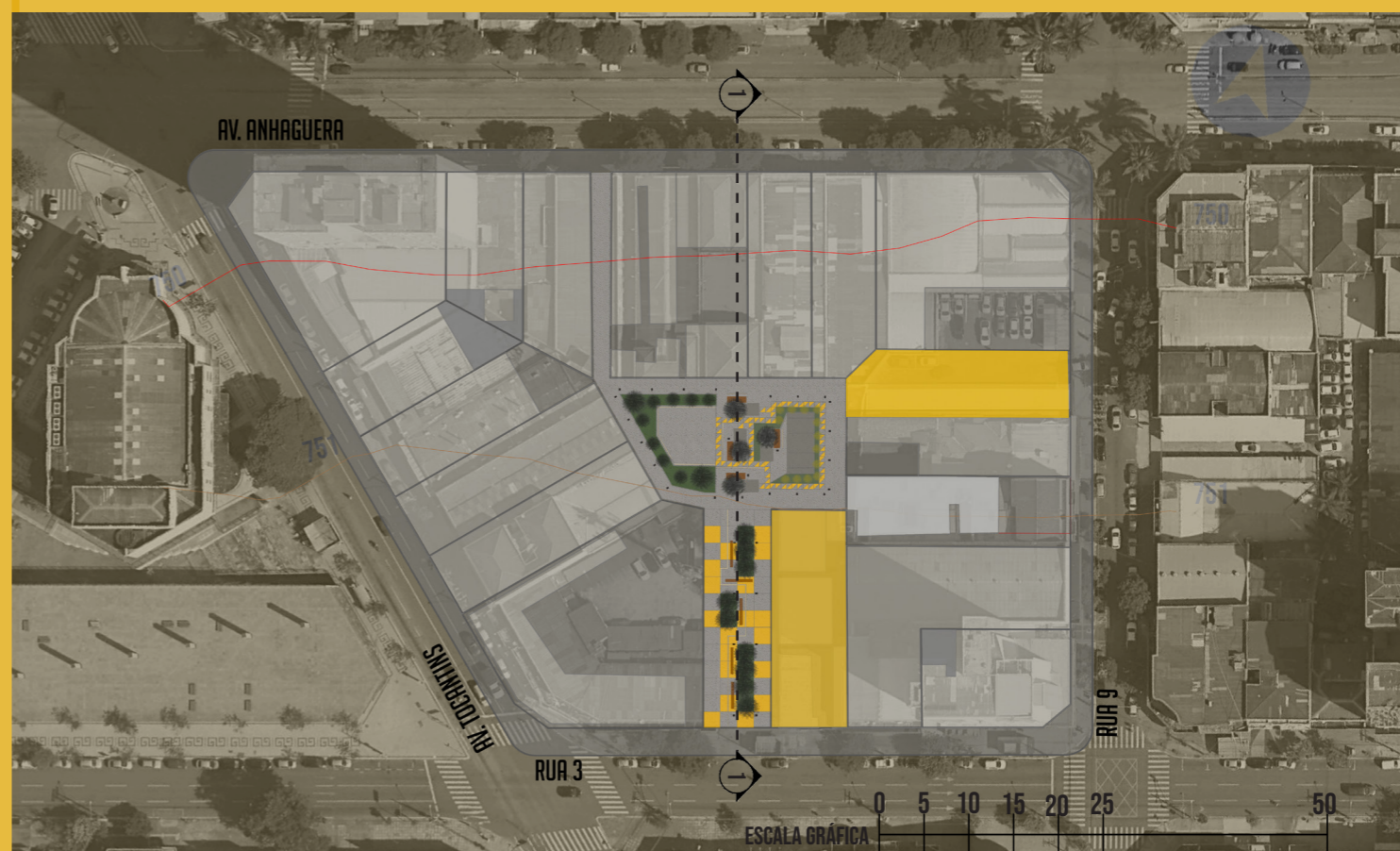
DIAGRAMA



Intervenção no Beco Da Codorna



IMPLANTAÇÃO



- 1 O Beco da Codorna com acesso à Av. Anhaguera e rua 3 diretamente. E rua 9 indiretamente através de um estabelecimento que dará acesso ao Beco.
- 2 Demolição de um estacionamento (lote subutilizado) para ser o acesso e se tornar parte do Beco. Será um local de passagem e permanência.
- 3 Proposição de dois novos usos que terão acesso para às ruas correspondentes e ao Beco. Afim de torna-lo mais convidativo à permanência.
- 4 Esse espaço livre de uso público recebe uma intervenção urbana e paisagística que agrega atividades que envolvem a arte, o lúdico, o grafite, o esporte. Que convidam à permanência desse espaço.

PLANTA



PISTA DE SKATE HALF PIPE

PISTA PLANA

CIRCUITO LÚDICO

PISTA DE SKATE STREET

RASGO LUMINOSO DE EMBUTIR

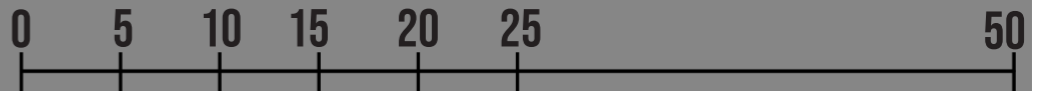
PISO DRENANTE PRATA PALHA BRASTON

MURO LÚDICO DA PINTURA

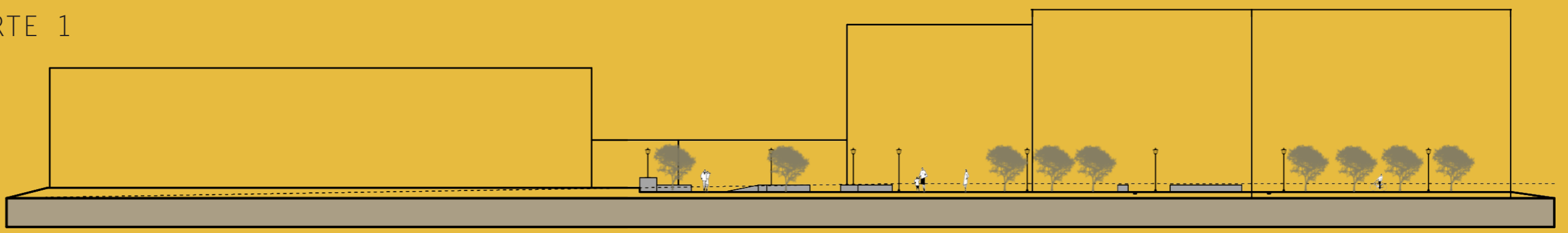
MURO LÚDICO DA PINTURA

PAGINAÇÃO QUADRANGULAR LÚDICA

ESCALA GRÁFICA



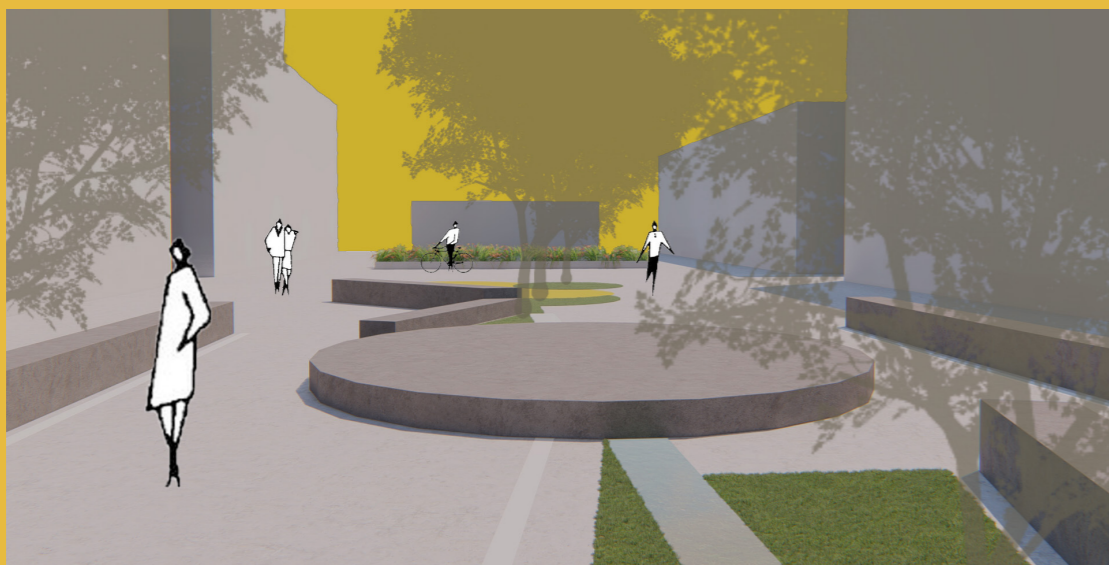
CORTE 1



ESCALA GRÁFICA



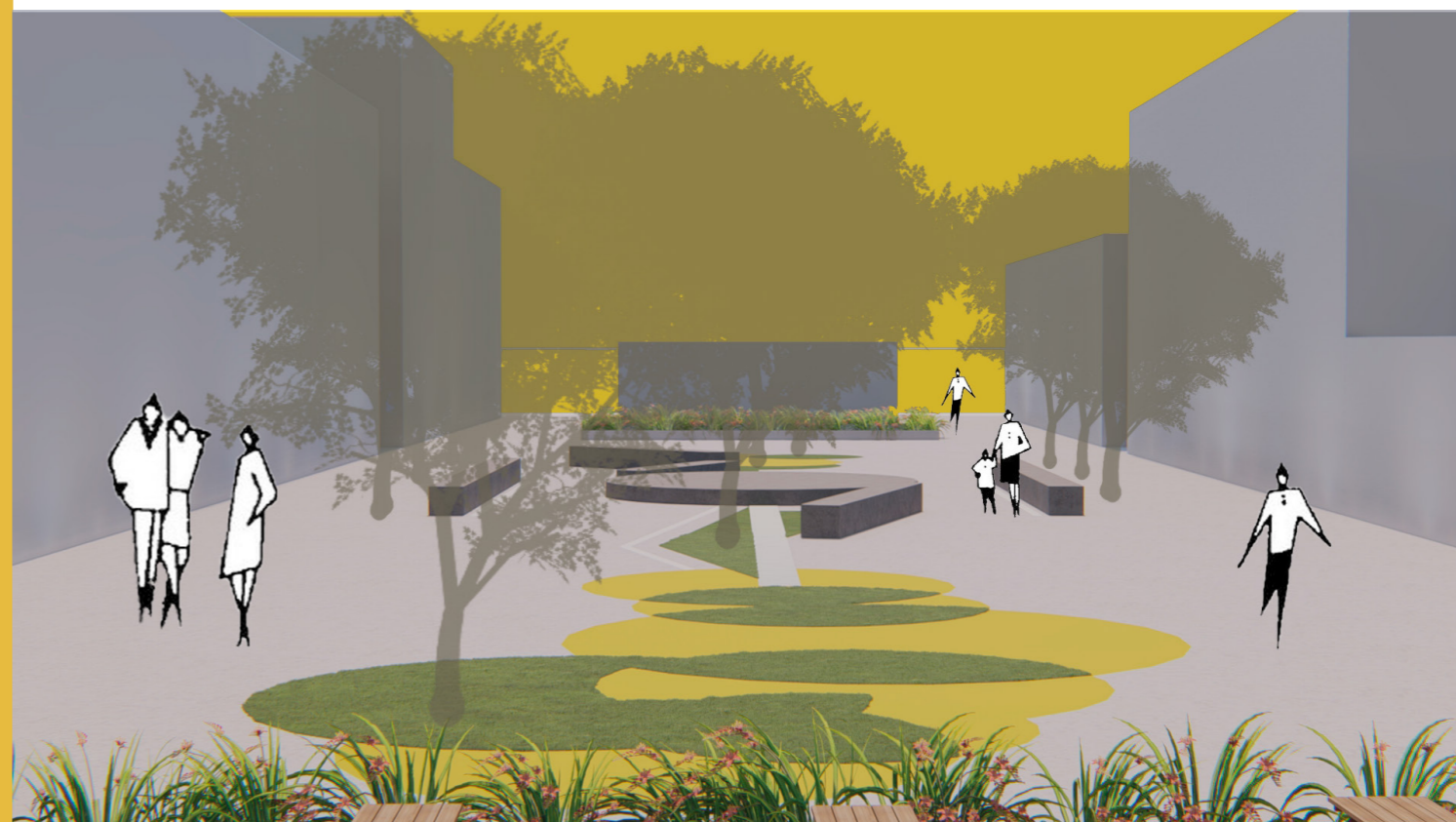
A RUA DO LAZER é um espaço público destinado apenas para pedestres, em que todos os edifícios lindeiros estão voltados à ela. Atualmente ela se encontra obsoleta no sentido de uso do espaço por parte das pessoas. A proposta de revitalização para a rua do lazer (rua 8) é trabalhar esse espaço, incentivando novas atividades, e, a convivência. Tornar a rua do lazer, um espaço interessante para permanecer. O foco principal da rua, é um palco centralizado, para manifestações artísticas e culturais. Com bancos para a acomodação das pessoas. Sombreamento das árvores, espelho d' água, piso drenante, paginação lúdica. Com o objetivo de oferecer uma experiência de diversão, descanso, arte, encontro e convívio.



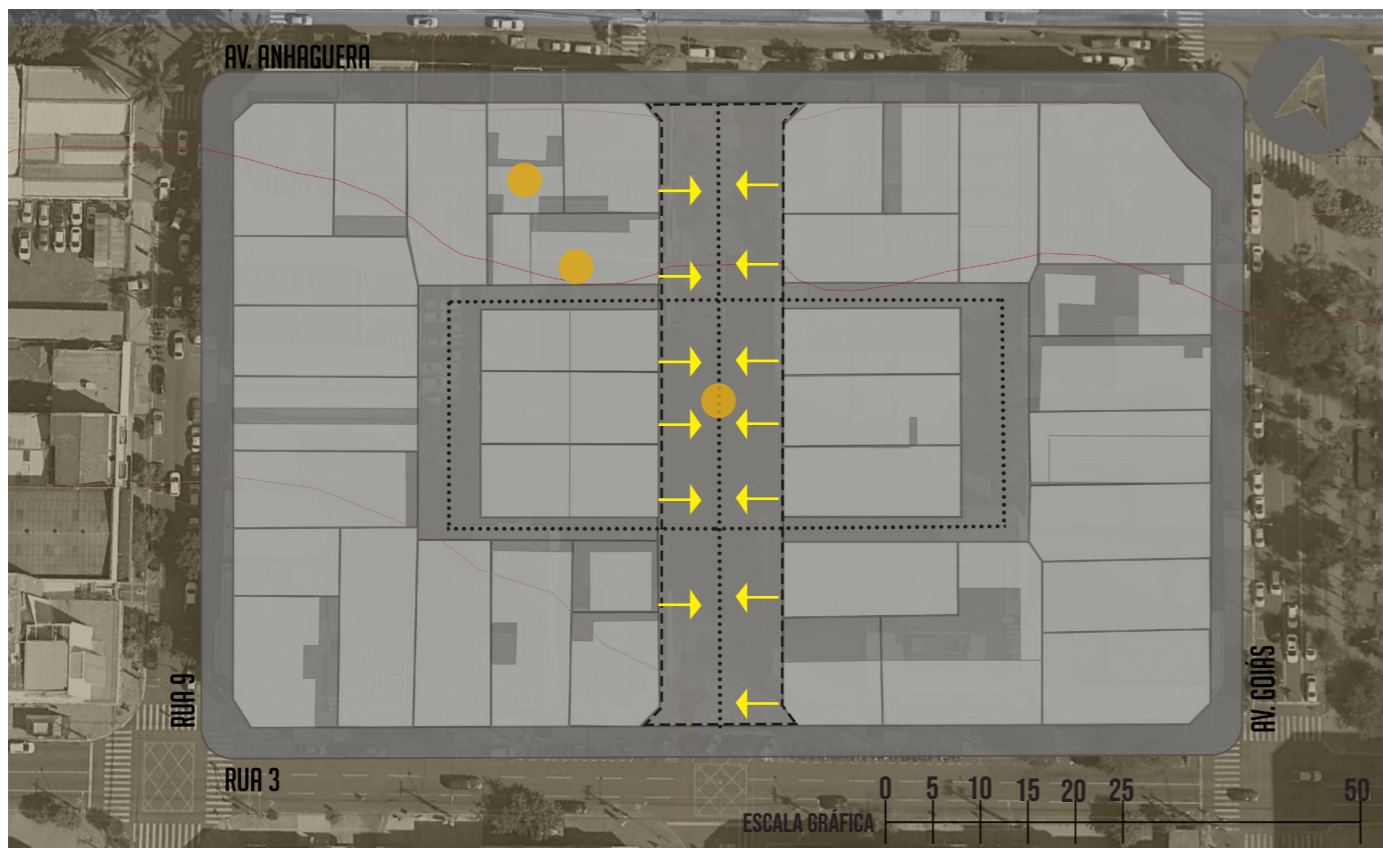
A EXPERIÊNCIA DO PEDESTRE

Com dois acessos possíveis à Rua do Lazer (Av. Anhaguera e Rua 3), o pedestre pode ser um cliente ou trabalhador das lojas que estão abertas para a rua, pode ser um morador de um edifício próximo, ou, uma pessoa que ao caminhar no Centro, encontrou um lugar para uma pausa. Achou ali, bancos e sombra. Pode ser um cantor, ou um grupo de dança a se apresentar no palco centralizado. Podem ser a platéia, ou, os hóspedes do Goiânia Palace Hotel. Podem ser turistas, ou moradores que escolheram tomar um lanche nos quiosques.

O interessante, que ao projetar um espaço público, existem sugestões por parte do urbanista em como usar, ou que atividades realizar. Porém, são sugestões, porque quem o utiliza deve ter a liberdade de exercer a escolha dos verbos. A permanência, a interação, a passagem, a apropriação desse espaço é o objetivo. A paginação do piso, o espelho d' água, o paisagismo, o palco, os bancos, a área de alimentação com os quiosques, foram pensados para que esse espaço público convidasse o pedestre para usufruir dele.



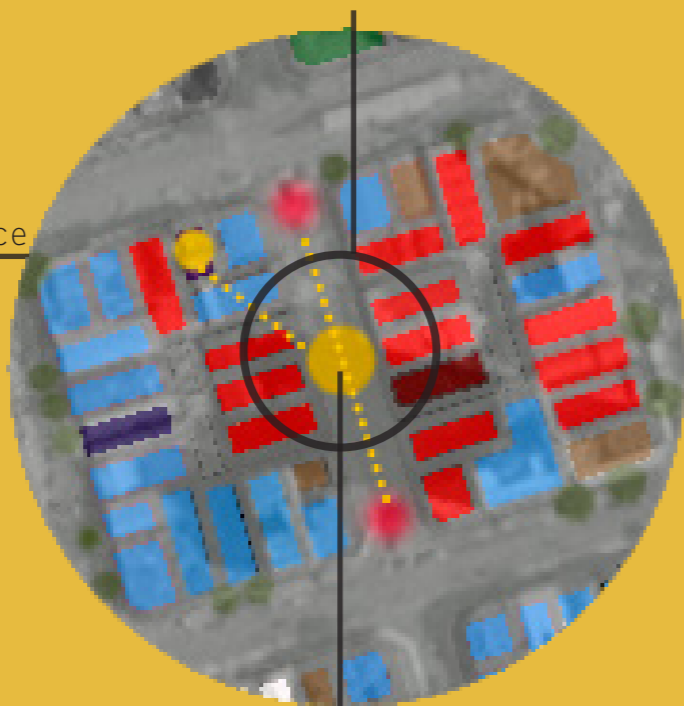
DIAGRAMA



ÁREA DE INTERVENÇÃO
 FLUXO

Intervenção da Rua do Lazer

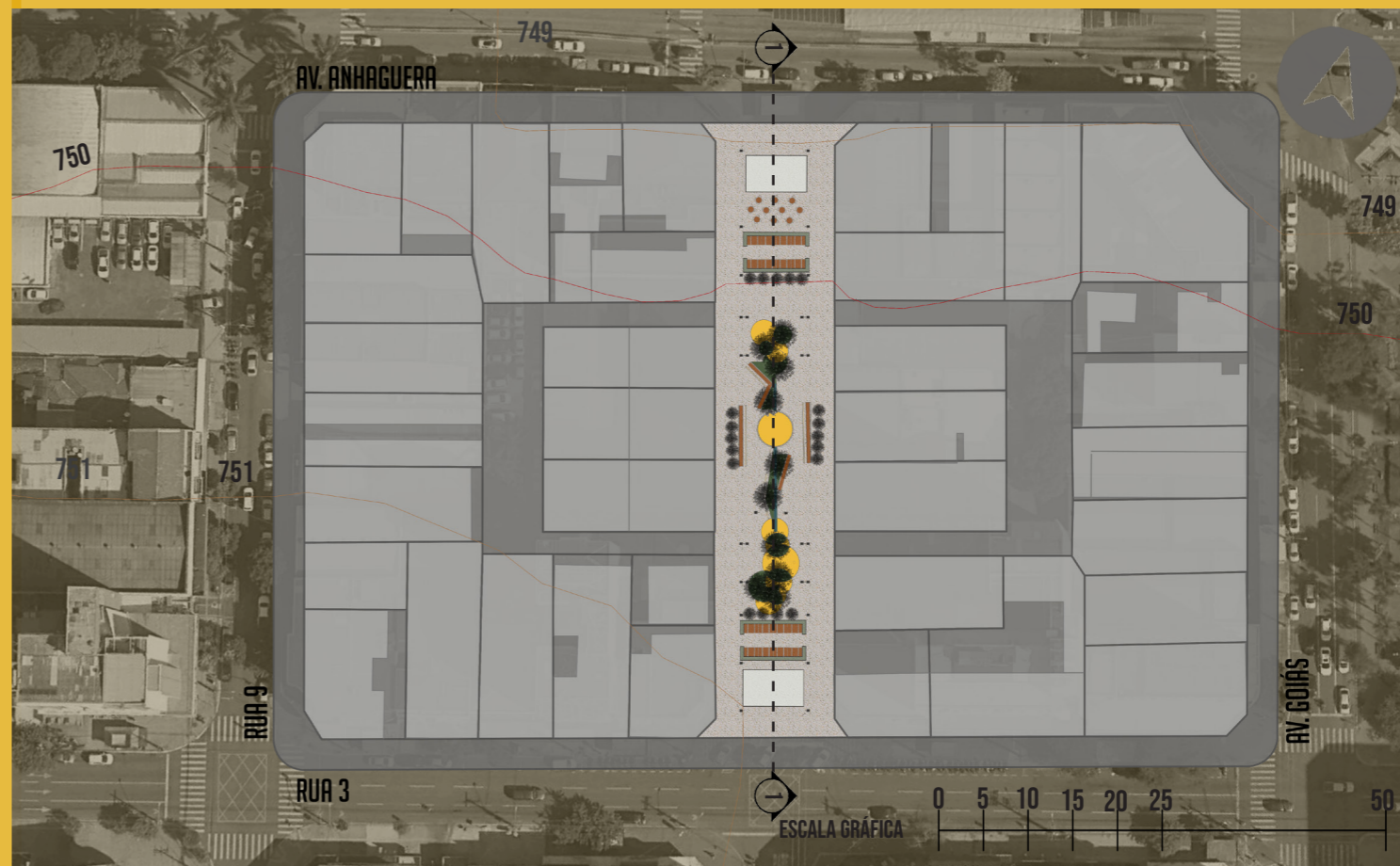
Goiânia Palace Hotel



Palco Central para apresentações artísticas

- 1 O acesso à Rua do Lazer é pela Rua 3 e Av. Anhaguera. Através dela, há comunicação direta com as vielas (que já são revitalizadas).
- 2 Os edifícios têm as suas aberturas para a Rua do Lazer. Para acessá-los, as pessoas passam pela rua.
- 3 O Goiânia Palace Hotel que é um ponto histórico e cultural listado, está diretamente conectado à Rua do Lazer. Ou seja, a intervenção na rua, será beneficiária para o hotel.
- 4 A Rua do Lazer é um ponto histórico e cultural listado. A intervenção será nela com uma revitalização.

IMPLANTAÇÃO





QUIOSQUE EXISTENTE

ÁREA DE ALIMENTAÇÃO

PISO DRENANTE PRATA PALHA BRASTON

PAGINAÇÃO

PALCO

RASGO LUMINOSO DE EMBUTIR

ÁREA DE ALIMENTAÇÃO

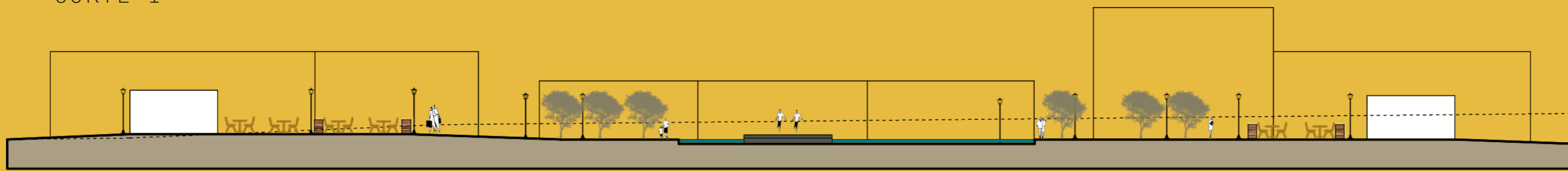
QUIOSQUE EXISTENTE



ESCALA GRÁFICA



CORTE 1



ESCALA GRÁFICA





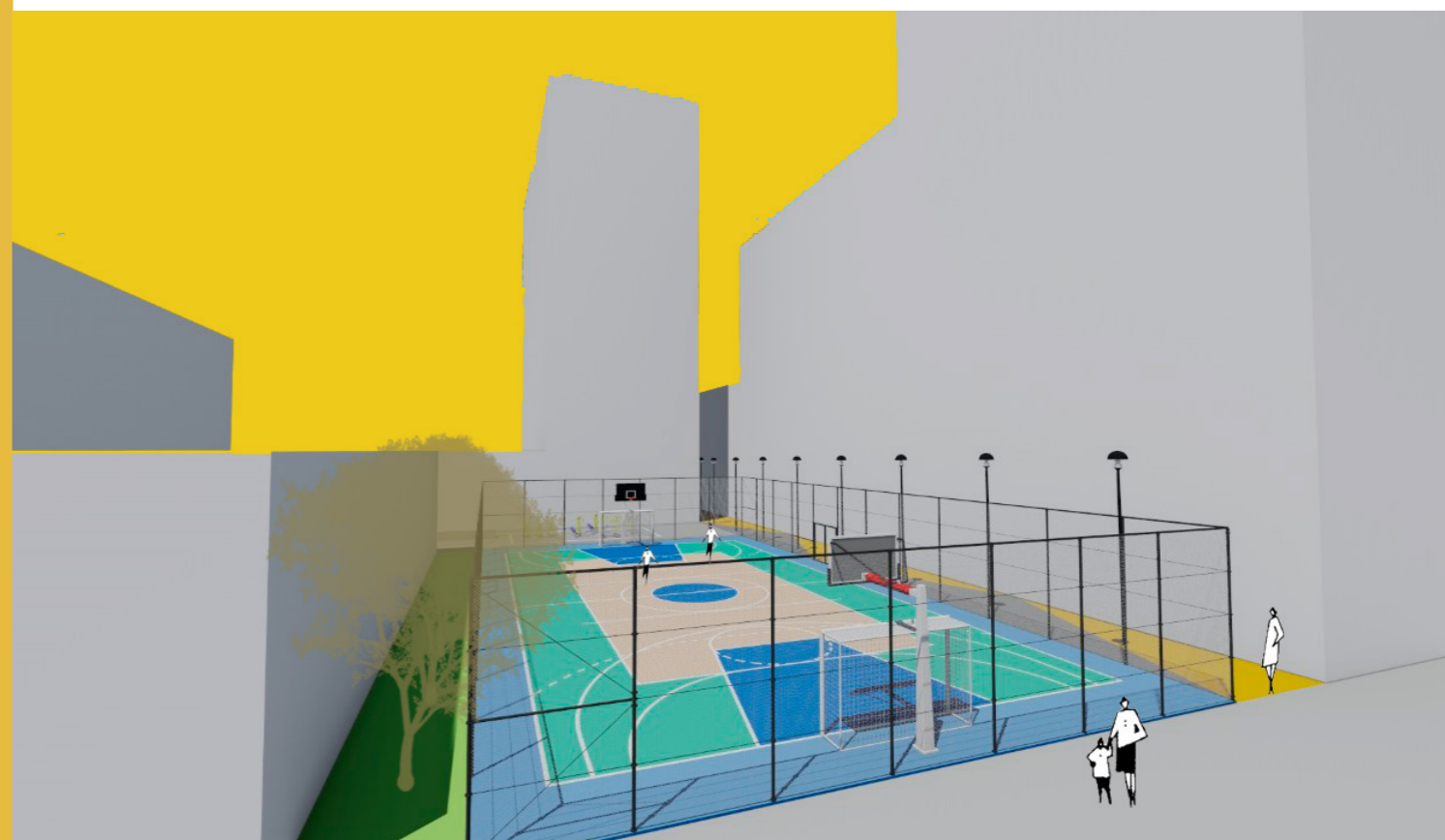
AS VIELAS DA AV. GOIÁS estão conectadas com a Av. Goiás, atualmente são vielas de passagem. Muitas vezes utilizadas como estacionamento. Perigosas por terem caráter de beco desértico e sem movimento. A intervenção nessas duas vielas têm o objetivo de trazer movimento para elas e para a Av. Goiás. A viela com saída para a rua 8 recebe uma intervenção urbana paisagística com o foco em retomar a cultura do pit dog. Sendo assim, um excelente lugar para convivência. A viela com a saída para a Rua 7 recebe uma intervenção urbana paisagística que incentiva o movimento do corpo, o esporte. Com, estação de ginástica, deck para exercícios funcionais, yoga, meditação. Quadra poliesportiva. As duas vielas agregam todas as idades (atemporal) em um mesmo lugar.



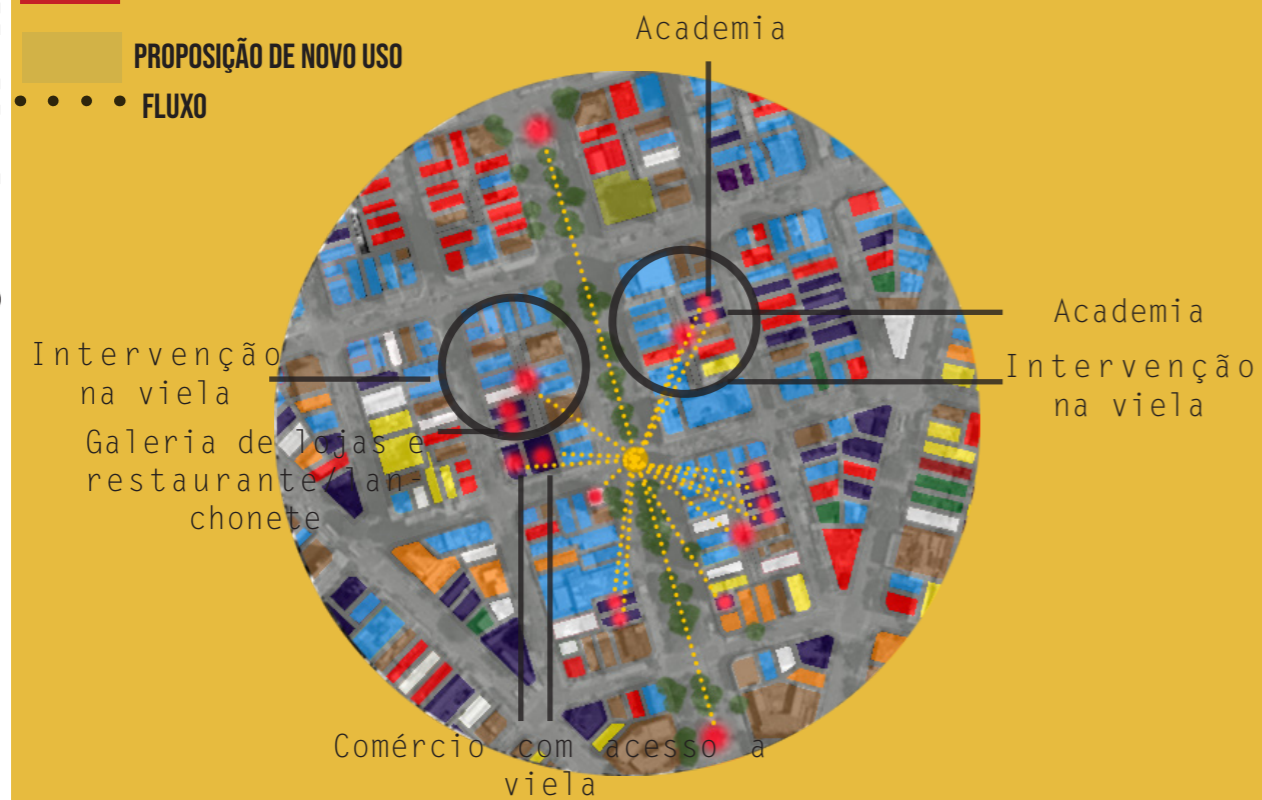
A EXPERIÊNCIA DO PEDESTRE

Com dois acessos para a primeira viela (entre a Av. Goiás e a Rua 8), o pedestre caminha e decide adentrar, para começar, a paginação lúdica o convida onde isso vai dar. Ele pode estar sozinho, ou acompanhado. Existe a possibilidade de passagem, mas, o convite à permanência se faz claro no momento em que entra e visualiza esse lugar. Têm muitas árvores e bancos. Têm quiosques de pit dog para comer. Pode ser um lugar de pausa, lazer, descanso, encontro. Pode ser um lugar para ir com a família, amigos ou sozinho.

A segunda viela (entre a Av. Goiás e a rua 7) é a viela do movimento. Ela oferece oportunidade para todas as idades e variedade de exercícios que podem ser realizados. O pedestre ao entrar na viela é conquistado pelas cores, pelo paisagismo. Crianças correndo, jovens jogando basquete ou futebol. Idosos nas estações de ginástica. Adultos fazendo funcional, outros alongando. Estender essa caminhada para correr na Av. Goiás, ou sentar nos seus bancos para descansar é uma alternativa considerável.



DIAGRAMA



O PARTIDO

- 1 O acesso às vielas é através da Av. Goiás , Rua 7 e Rua 8. Nas duas, existem edifícios com a abertura voltada para elas.
- 2 Na viela da Rua 7 foi proposto novos usos em lotes subutilizados. Academia , em que a sua função dialogue com a função principal da viela. E a demolição de um estacionamento para projetar uma quadra poliesportiva.
- 3 Na viela da Rua 8 foram propostos novos usos à lotes subutilizados afim de agregar valor de permanência na viela e torná-la mais segura, com mais saídas. Esses usos são: Comércio, Galeria de lojas, Restaurante e lanchonete.

IMPLANTAÇÃO



RUA 3

PIT DOG

ÁREA DE ALIMENTAÇÃO

RUA 8

RUA 2

PISO DRENANTE PRATA PALHA BRASTON

BICICLETÁRIO

ESPAÇO DE DESCANSO

DECK PARA EXERCÍCIOS

EQUIPAMENTOS DE GINÁSTICA

QUADRA POLIESPORTIVA

AV. GOIÁS

AV. GOIÁS

RUA 7



O PARQUE LÚDICO LYCEU é uma intervenção em quatro lotes subutilizados próximo ao colégio Lyceu. A Região 4 têm o uso do solo predominantemente residencial e educacional, por isso a sua vocação ser infanto-juvenil. O Parque Lúdico Lyceu foi pensado nas crianças, adolescentes, jovens estudantes e moradores da Região. O Parque foi inspirado nas brincadeiras de rua e brincadeiras antigas, como, a amarelinha, o xadrez, a dama. A proposta é um circuito de brincadeiras: que vai desde as escadaria, as esferas lúdicas, o xadrez/dama até a amarelinha. É um espaço público composto por bancos, iluminação, árvores e o circuito de brincadeiras. É um espaço público para a família, crianças e jovens se divertirem, interagirem e socializarem.



A EXPERIÊNCIA DO PEDESTRE

Com dois acessos possíveis ao Parque Lúdico Lyceu (Rua 18 e Av. Araguaia). O pedestre encontra um segmento de brincadeiras que chega até a outra extremidade. A medida que caminha, encontra possibilidades de descanso, bancos e a sombra das árvores estão à sua disposição. A possibilidade de descanso oportuniza a permanência, por exemplo, de um pai ou mãe que levam os seus filhos para brincarem depois da escola ou em um final de semana. As brincadeiras oferecem a oportunidade dos jovens e adultos brincarem também.

Seja, levando os filhos para passear, caminhando com os animais domésticos, fazendo uma pausa, descansando, o Parque Lúdico Lyceu é uma proposta de espaço público para se utilizar, apropriar, viver, permanecer. E convidar as pessoas ao conhecimento do Colégio Lyceu que é um ponto histórico e cultural. É um espaço que dá visibilidade para esse ponto. Pensado para os moradores e estudantes da região. Mas, que convida, todos os pedestres. viabilizando atividades opcionais e estabelecendo a vitalidade urbana.



DIAGRAMA



ÁREA DE INTERVENÇÃO

DEMOLIR

PROPOSIÇÃO DE NOVO USO

FLUXO

Intervenção Parque Lúdico Lyceu

Sorveteria

Padaria/cafeateria



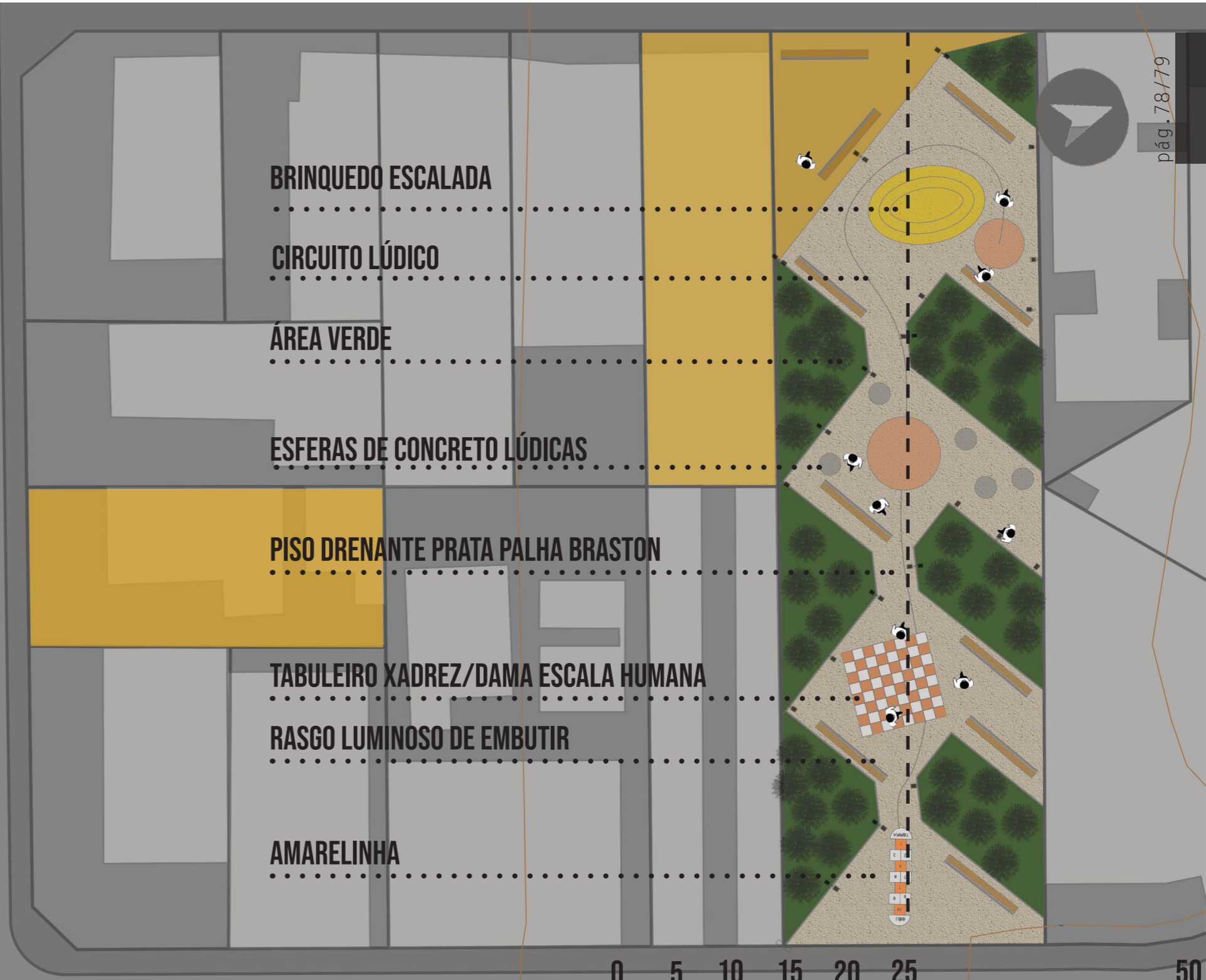
IMPLANTAÇÃO

1 A área de intervenção é em quatro lotes subutilizados, trazendo permeabilidade para a quadra e o fluxo contínuo de pedestre da Rua 18 para a Av. Araguaia e vice-versa.

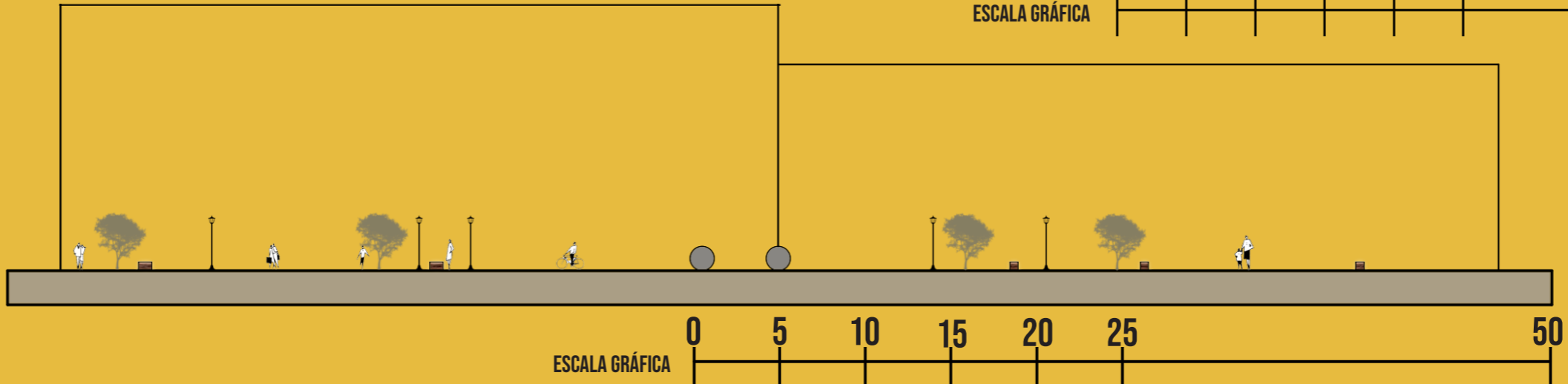
2 A proposição para novos usos (Sorveteria e Cafeteria) à lotes subutilizados (Estacionamento), em que esses novos usos dialoguem com a vocação da Região 4 e colaborem para a atratividade e permanência do espaço público projetado e do edifício histórico/cultural já existente (Colégio Lyceu).

3 A Rua 18 é a conexão do Colégio Lyceu com o Parque Lúdico Lyceu. O que viabiliza com fluidez a passagem do pedestre do Parque para o Colégio e vice-versa.





CORTE



ESCALA GRÁFICA

ESCALA GRÁFICA



O POKKET CONTAINER é uma intervenção em dois lotes subutilizados. Um espaço público que responde à vocação de sua região, a gastronômica. É um espaço que promove a relação público-privada, da prefeitura com os permissionários do Mercado Municipal, que poderão vender comidas goianas nos containers localizados no espaço.

O Pocket Container é um espaço público que oferece conforto com lugares para sentar (bancos, cadeiras, mesas), sombreamento das árvores, espelho d' água, deck para fazer picknics, brincadeiras, yoga, danças, exercícios. É um espaço pensado para oferecer o melhor da gastronomia goiana, viabilizando com essa experiência, a visita e permanência do seu próprio espaço e do Mercado Municipal.



A EXPERIÊNCIA DO PEDESTRE

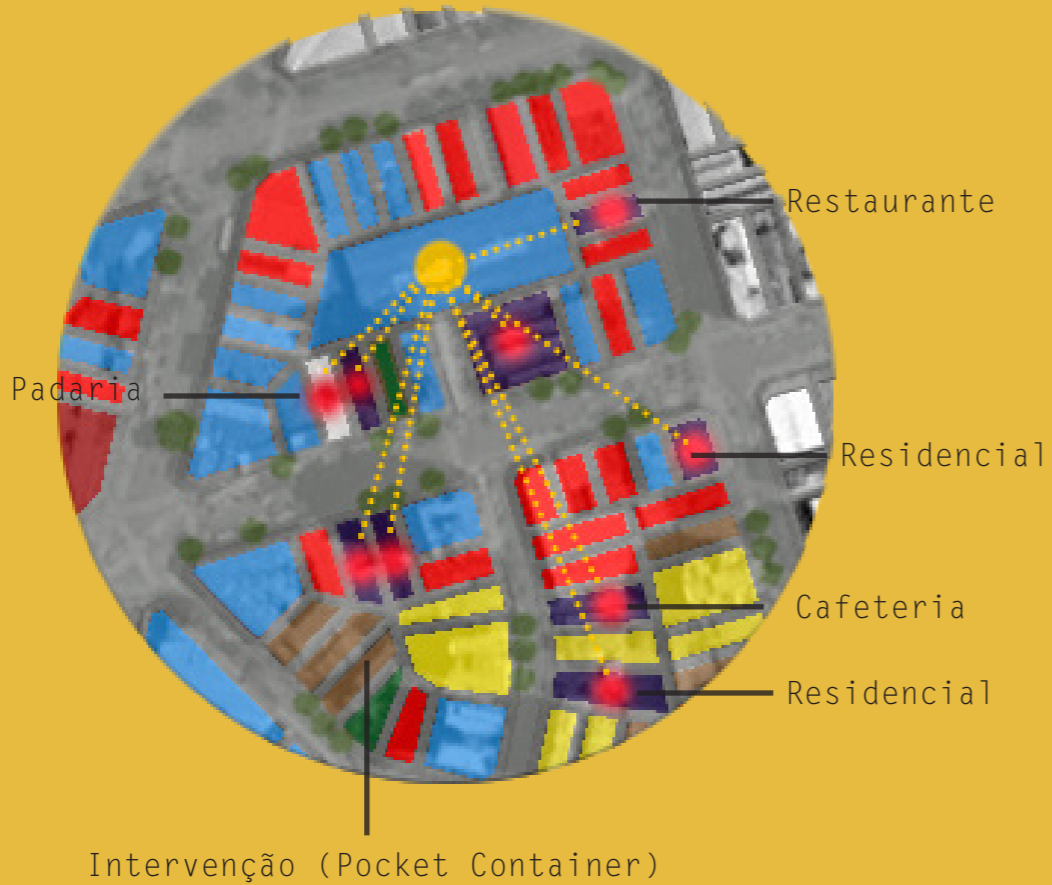
Com o acesso através da Rua 3, o Pocket Container está localizado entre edifícios. Sendo assim, um descanso entre os edifícios. O seu espaço é projetado para convidar o pedestre de dia ou de noite para usufruir desse espaço. Seja para tomar um lanche, almoçar ou jantar. Seja para descansar, deitar, respirar e dar uma pausa. Seja para brincar, encontrar, socializar, exercitar, conhecer, esperar ou passear. Esse espaço permite uma variedade de atividades obrigatórias e não obrigatórias

serem realizadas. Esse espaço é pequeno, mas atinge a sua região, o Centro, e a cidade. Pois é um espaço público que reúne o bem-estar, a tranquilidade, o movimento e a alimentação. Ou seja, por mais que esse espaço tenha uma dimensão pequena, se destaca pelo seu valor cultural e pela reunião de suas funções que agregam valor quando alguém decide onde será o passeio e estabelecer por quanto tempo irá permanecer nesse lugar. Dessa forma esse espaço somado à outros reverberam vitalidade urbana por o todo, a cidade.



DIAGRAMA

pág. 82



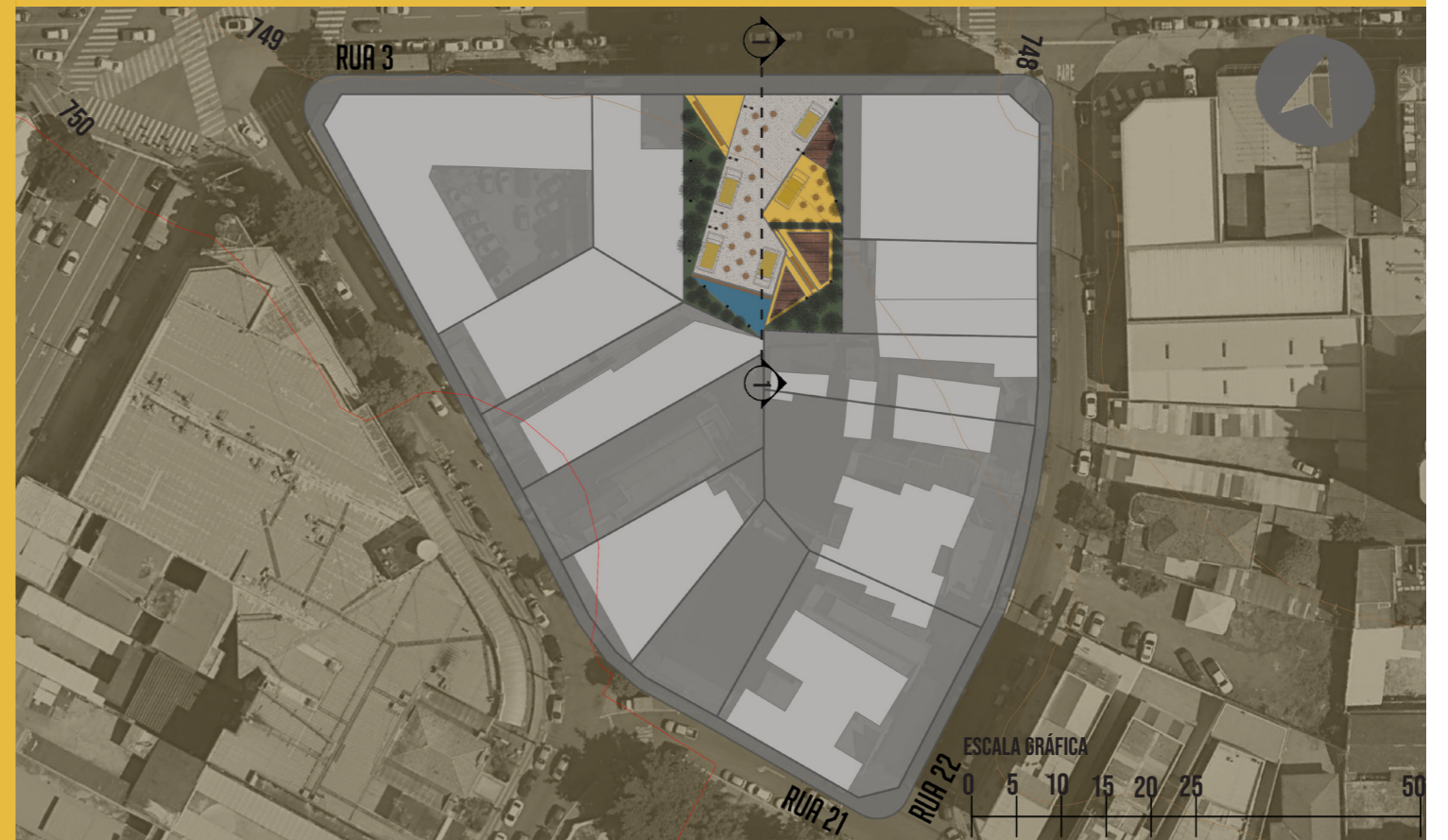
IMPLANTAÇÃO

pág. 83

1 A área de intervenção se localiza em dois lotes subutilizados (estacionamentos) na quadra limdeira ao Mercado Municipal. O acesso ao Pocket Container é pela Rua 3.

2 Os usos predominantes do entorno são comercial e residencial. A proposta de novos usos à terrenos subutilizados, colaboram para a vocação da Região 5. Com restaurantes, padaria, e o uso residencial. Esses usos em conjunto, viabilizam a atratividade gastronômica e a permanência nos espaços.

3 O Pocket Container oferece uma experiência lúdica com as suas cores, texturas, natureza e desenho.





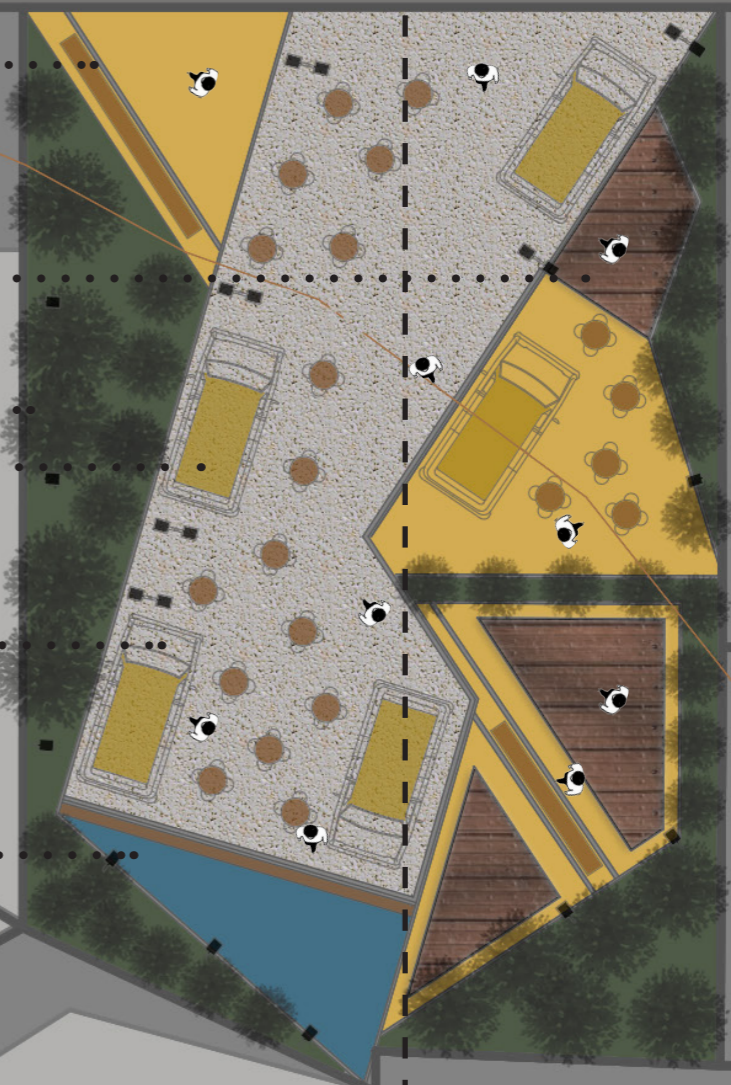
RASGO LUMINOSO DE EMBUTIR

DECK PARA PICNICK

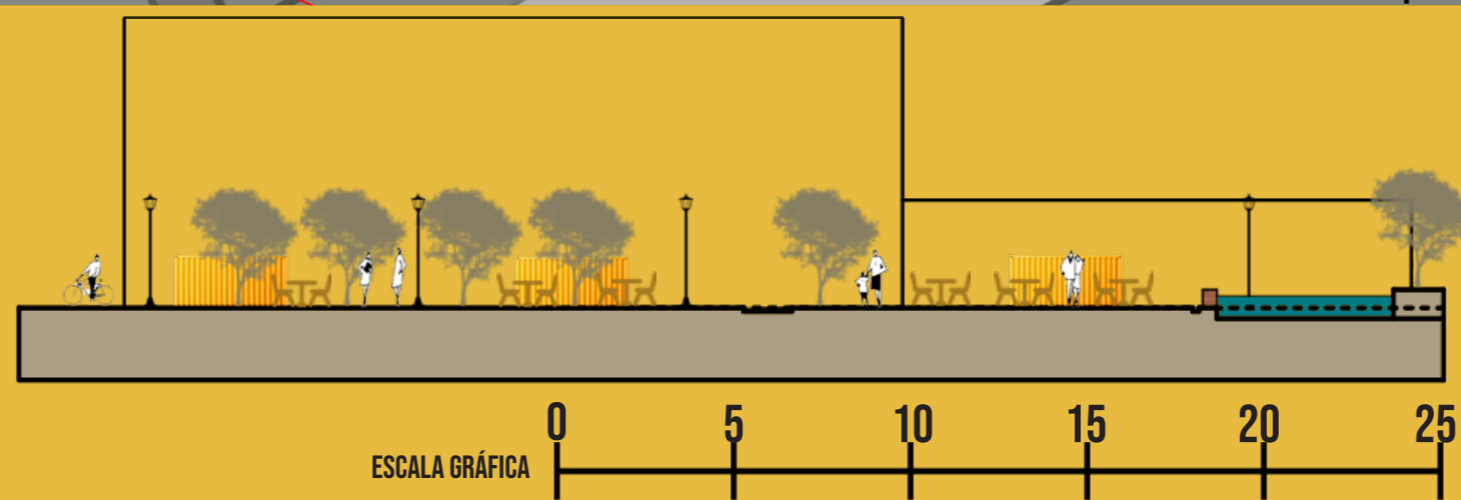
ÁREA VERDE
FOOD TRUCK

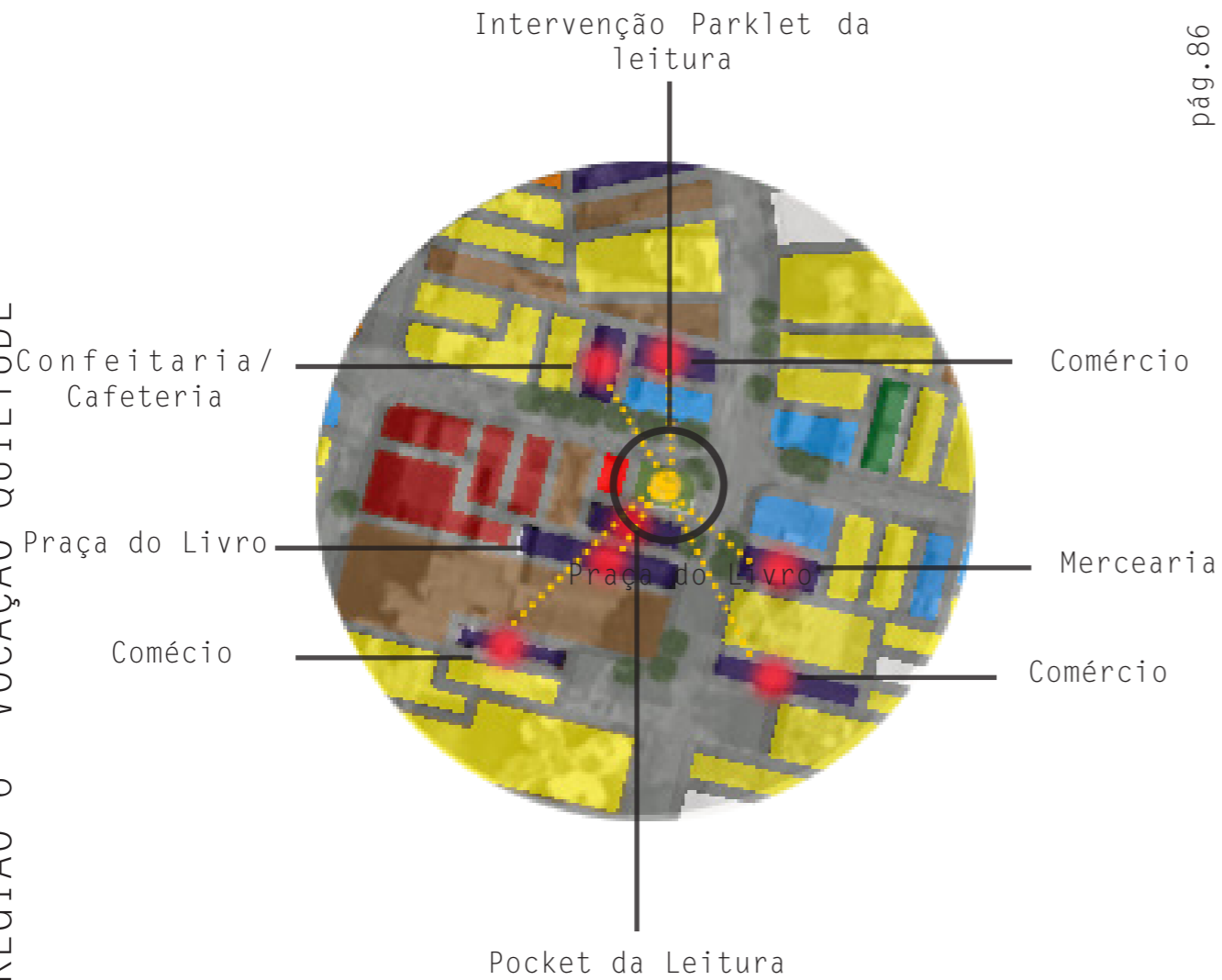
PISO DRENANTE PRATA PALHA BRASTON

ESPELHO D'ÁGUA



CORTE 1

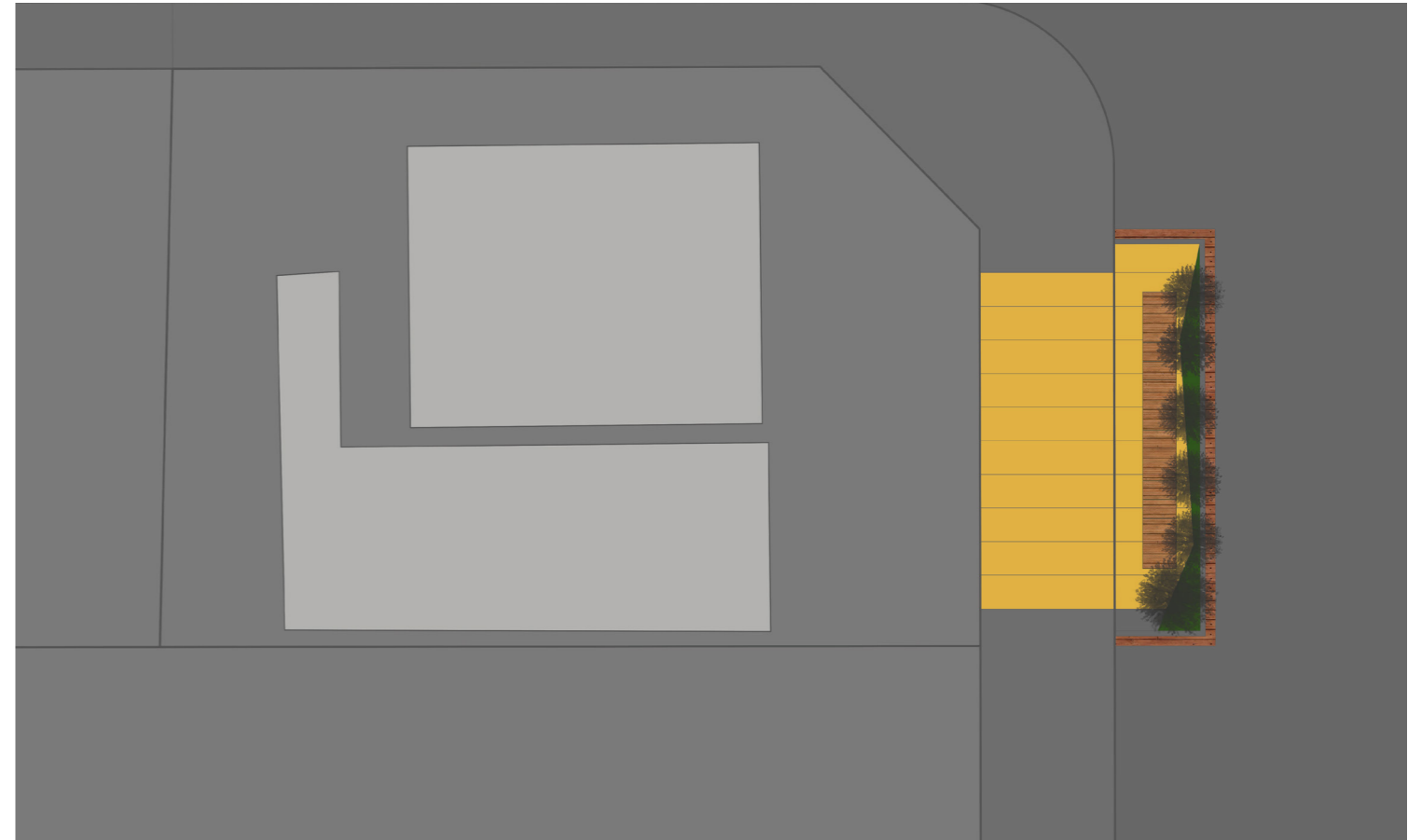




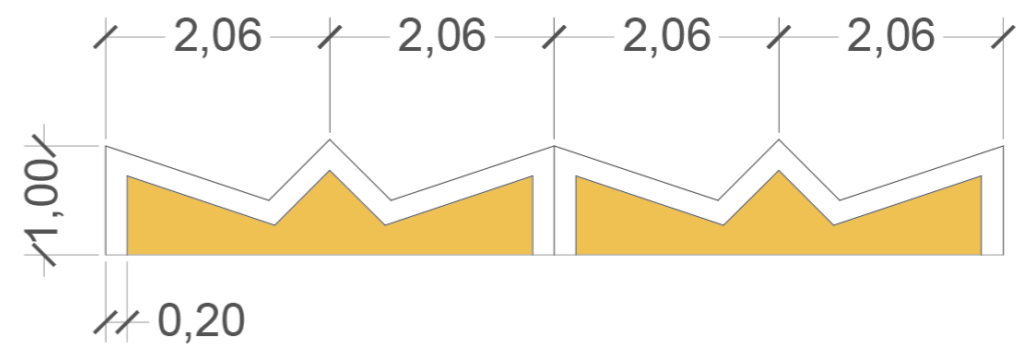
O PARKLET DA LEITURA está localizado em frente a Academia Goiana de Letras. Foi um espaço público projetado em um vazio pleno. A idéia desse espaço foi de uma surpresa para o pedestre. O foco principal está no mobiliário ergonômico projetado para uma pessoa ler confortavelmente o seu livro. Ou até mesmo ficar no celular, conversar com alguém. Esse espaço conta com uma paginação lúdica, com uma mureta de proteção de bambu, e com um paisagismo para gerar sombra e ambiência para o parklet. Afim de promover e oportunizar a permanência e fazer da Academia Goiana de Letra (um ponto histórico e cultural listado) conhecido. Afim de proporcionar movimento, utilização, apropriação, identificação, reconhecimento e valorização do espaço público.

A EXPERIÊNCIA DO PEDESTRE

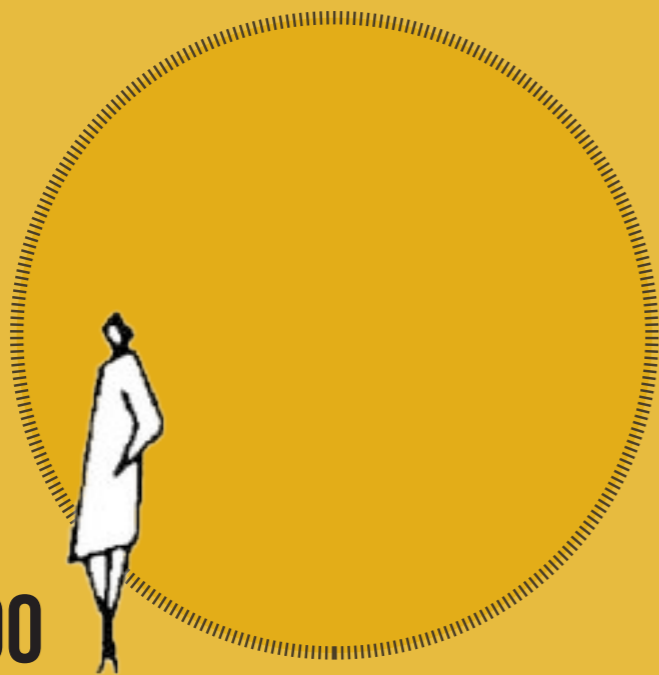
O Parklet da Leitura é um convite a uma pausa. Têm a vocação de quietude. Têm em si o caráter de oferecer tranquilidade. Para ler um livro, para descansar, para conversar.



MOBILIÁRIO



9. FINALIZANDO



CONCLUSÃO

O processo. Existe uma beleza dentro do processo que é imensurável. O aprendizado é inquestionável. O processo é uma caminhada, muitas vezes parece não ter fim. Passa o tempo e pode perceber que no processo existem sonhos, conversas, alegria, descobertas, lágrimas. E esse processo chega ao fim. Completa o seu ciclo.

O Centro hoje, é um lugar que marca a minha história, e já marcou de tantas outras pessoas. É um acervo cultural, histórico, artístico que deve ser valorizado e apropriado pelas pessoas da cidade.

Do Lúdico e da Arte para o Centro, me ensinou que devemos entender que o cotidiano e o rotineiro é um presente. Que devemos sim parar um tempo para respirar, descansar, desanuviar, conversar, brincar, conviver. E que a cidade deveria ser esse lugar que promove essas experiências.

Do Lúdico e da Arte para o Centro. Fim.

GEHL, J .Cidades Para Pessoas: A cidade como lugar de encontro. EDITORA PERSPECTIVA SÃO PAULO, 2009.

JACOBS, J .Morte e vida de grandes cidades. EDITORA MARTINS FONTES. SÃO PAULO, 2000.

GRANDE, I BOAVENTURA, D. Contradições no centro tradicional de Goiânia: usos e transformações no espaço da praça cívica e Avenida Goiás. REVISTA PERCURSOS. FLORIANÓPOLIS, 2015.

FELIPPE, S. Vazios: o espaço habitável entre as coisas UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO. SÃO PAULO, 2013.

ARANTES,G. Reabilitação Urbana como Gentrificadora e Segregadora Social: O Caso dos Parques Vaca Brava e Flamboyant. PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS GOIÂNIA, 2012.

HANNES, E. Espaços abertos e Espaços Livres: Um Estudo de Tipologias. PAISAGEM E AMBIENTE ENSAIOS. SÃO PAULO, 2016.



“O CAMINHO MUDA E MUDA O CAMINHANTE, É UM CAMINHO INCERTO, NÃO O CAMINHO ERRADO. EU CAMINHANTE QUERO O TRAJETO TERMINADO, MAS, NO CAMINHO MAIS IMPORTA O DURANTE. DEIXEI PEGADAS LÁ NO VALE DA MORTE, NUM SOLO INFÉRTIL AOS MEUS MUITOS DEFEITOS, MINHA VIDA LARGOU-SE EM CAMINHOS ESTREITOS. E EU VI VOCÊ, A PARTIDA E O NORTE.”
(ESTEVAO QUEIROGA)

